

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

FLÁVIA BEZERRA DE SOUZA

**O LETRAMENTO RACIAL CRÍTICO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL: CONTRIBUIÇÕES E POTENCIALIDADES NA PRODUÇÃO
ACADÊMICO-CIENTÍFICA NACIONAL**

CHAPECÓ

2023

FLÁVIA BEZERRA DE SOUZA

**O LETRAMENTO RACIAL CRÍTICO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL: CONTRIBUIÇÕES E POTENCIALIDADES NA PRODUÇÃO
ACADÊMICO-CIENTÍFICA NACIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Claudete Gomes Soares

CHAPECÓ

2023


FLÁVIA BEZERRA DE SOUZA

**O LETRAMENTO RACIAL CRÍTICO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL: CONTRIBUIÇÕES E POTENCIALIDADES NA PRODUÇÃO
ACADÊMICO-CIENTÍFICA NACIONAL**


Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 19/12/2023.


BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **CLAUDETE GOMES SOARES**
Data: 19/12/2023 11:33:49-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Claudete Gomes Soares – UFFS
Orientadora

Documento assinado digitalmente
 **MANUELA PIRES WEISSBOCK ECKSTEIN**
Data: 19/12/2023 14:13:41-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Manuela Pires Weissbock Ecktein – UFFS
Avaliador

Documento assinado digitalmente
 **RENILDA VICENZI**
Data: 19/12/2023 17:19:40-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Renilda Vicenzi – UFFS
Avaliador

Dedico este trabalho à minha avó materna Marlene Maria Bezerra (em memória) e à minha mãe Meire Maria Bezerra de Souza. Exemplos de mulheres guerreiras, de grande coração amoroso, que me inspiraram a ser a mulher que me constituo hoje e a lutar pelos meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora Profa. Dra. Claudete Gomes Soares, por ter me orientado nesta pesquisa, pela dedicação, pelas indicações de leituras, pelas conversas construtivas importantes em cada passo desta pesquisa. Por ter participado em minha trajetória acadêmica como coordenadora do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI) e do Projeto de Cultura Oficinas de Contação de História, leitura e encenação nas escolas de Chapecó, possibilitando a chegada até aqui.

Aos membros da banca, Profa. Dra. Renilda Vicenzi e Profa. Dra. Manuela Pires Weissbock Eckstein, pela leitura, contribuições e avaliação essenciais para esta pesquisa.

Aos membros do NEABI do *campus* Chapecó, por compartilhar momentos de construção de conhecimento que contribuíram muito na minha trajetória acadêmica.

Ao Prof. Dr. Alexandre Paulo Loro, pelo incentivo na graduação, a produzir minha primeira pesquisa sobre a temática das relações étnico-raciais.

À Profa. Dra. Patrícia Gräff, pela sensibilidade de ser-fazer docência.

À Profa. Dra. Solange Maria Alves, pela importante contribuição aos estudos sobre a docência na perspectiva da Teoria Histórico-Cultural.

À Profa. Dra. Jane Teresinha Donini Rodrigues, pelos estudos voltados aos momentos pedagógicos e à docência nos Anos Iniciais.

À Profa. Dra. Ione Ines Pinsson Slongo, pelas contribuições teórico-metodológicas do projeto, que resultou nesta monografia.

Ao meu pai, meus avós e meu irmão, que me incentivaram, comemoraram e se emocionaram em todas as minhas conquistas nesta trajetória acadêmica.

Em especial, à minha mãe Meire Maria Bezerra de Souza, que com sua sensibilidade e amor, esteve presente mesmo à distância, me fortalecendo a cada passo e dificuldade encontrada. A sua originalidade, o seu amor e a sua ternura são essenciais na minha trajetória e na minha vida.

À minha namorada Amanda de Sá Munzi, pelo amor, cuidado, carinho e por estar ao meu lado me fortalecendo em momentos de dificuldades. O seu amor, o seu afeto e colo foram essenciais para me dar forças neste percurso e para ver as experiências com a educação com mais amor e cuidado.

À minha amiga Victória Louise de Paula Santos Carminatti, por estar ao meu lado auxiliando, conversando, aconselhando e dando amparo durante todo o percurso deste trabalho, e, a inspirar a construir uma carreira acadêmica sensível, crítica e com seriedade.

À minha amiga Karize Keili Rizzoto, pela sensibilidade, carinho e companhia em diversos momentos de dificuldade e alegria nesta trajetória acadêmica e na vida fora dela.

Às professoras e aos professores do Curso de Pedagogia e colegas de turma, que fizeram parte da minha formação acadêmica, que compartilharam muitos momentos de aprendizado, construindo uma formação crítica com viés emancipatório.

Às crianças que fizeram parte das minhas experiências de estágio, pesquisa e docência.

E à todas e todos que contribuíram de alguma forma para o percurso até aqui percorrido.

Com estes ensaios, como minha voz ao apelo coletivo pela renovação e pelo rejuvenescimento de nossas práticas de ensino. Pedindo a todos que abram a cabeça e o coração para conhecer o que está além das fronteiras do aceitável, para pensar e repensar, para criar novas visões, celebro um ensino que permita as transgressões - um movimento contra as fronteiras e para além delas. É esse movimento que transforma a educação na prática da liberdade. (Bell Hooks, 2013, p.23)

RESUMO

Esta monografia consiste em um estudo qualitativo que tem como objetivo compreender de que forma a produção científica nacional discute o *Letramento Racial Crítico*, no que diz respeito à Educação para as Relações Étnico-Raciais, nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Para desenvolver a pesquisa de natureza bibliográfica, do tipo “Estado do Conhecimento”, utiliza como base teórico-metodológica Bardin (2016), Minayo (1994) e Lakatos e Marconi (2003). Por meio da revisão bibliográfica de 77 artigos científicos selecionados da página eletrônica do *Google Acadêmico*, com recorte temporal do ano de 2015 ao ano de 2022, faz uma coleta e uma categorização dos dados dos trabalhos acadêmicos encontrados e, pelo foco temático do estudo, seleciona para análise 8 (oito) produções acadêmico-científicas. Utiliza da metodologia de Bardin (2016) para a *Análise de Conteúdo*, em que organiza o *corpus* da pesquisa, explora o material fazendo uma descrição analítica e trata os resultados obtidos, desenvolvendo tabelas para lançamento dos dados coletados e investigados. Desta forma, com a reflexão e a sistematização dos dados, identifica as categorias de análise (a) Letramento Racial Crítico, (b) Prática Docente, (c) Diversidade Étnico-Racial e (d) Fundamentação Teórica. Os resultados obtidos apontam que há poucos trabalhos com enfoque nos Anos iniciais do Ensino Fundamental e que os trabalhos existentes divulgam estratégias pedagógicas potentes para o desenvolvimento de uma prática docente mais emancipatória, crítica e para uma educação antirracista. Aponta, também, a baixa evidência da apresentação do grupo racial branco nas pesquisas e problematizações envolvendo a branquitude e a recorrência dos mesmos autores, sua maioria mulheres com trajetórias política do movimento social negro, nos referenciais teóricos dos trabalhos para realizar discussões em torno das Relações Étnico-Raciais. Por fim, aproximando o conceito freireano de *leitura de mundo* com o debate sobre branquitude, racismo e identidades raciais, o estudo conclui que, nos Anos Iniciais, leitura de mundo acompanhada por um Letramento Racial Crítico provoca uma transformação social, individual e coletiva entre as crianças, a comunidade escolar e a sociedade.

Palavras-chave: Letramento Racial Crítico; Educação Básica; Anos Iniciais; Educação para as Relações Étnico-Raciais; Educação Antirracista.

SUMMARY

This monograph consists of a qualitative study that aims to understand how national scientific production discusses Critical Racial Literacy, with regard to Education for Ethnic-Racial Relations, in the Early Years of Elementary School. To develop bibliographical research, of the “State of Knowledge” type, it uses Bardin (2016), Minayo (1994) and Lakatos and Marconi (2003) as a theoretical-methodological basis. Through a bibliographical review of 77 scientific articles selected from the Google Scholar website, with a time frame from the year 2015 to the year 2022, it collects and categorizes data from the academic works found and, based on the thematic focus of the study, selects for analysis 8 (eight) academic-scientific productions. It uses Bardin's (2016) methodology for Content Analysis, in which it organizes the research corpus, explores the material by making an analytical description and treats the results obtained, developing tables to release the collected and investigated data. In this way, with reflection and systematization of the data, it identifies the categories of analysis (a) Critical Racial Literacy, (b) Teaching Practice, (c) Ethnic-Racial Diversity and (d) Theoretical Foundation. The results obtained indicate that there are few works focusing on the initial years of Elementary School and that the existing works disclose powerful pedagogical strategies for the development of a more emancipatory, critical teaching practice and anti-racist education. It also points out the low evidence of the presentation of the white racial group in research and problematizations involving whiteness and the recurrence of the same authors, most of them women with political trajectories of the black social movement, in the theoretical references of the works to carry out discussions around the Relations Ethnic-Racial. Finally, bringing Freire's concept of reading the world closer to the debate on whiteness, racism and racial identities, the study concludes that, in the Early Years, reading the world accompanied by Critical Racial Literacy provokes a social, individual and collective transformation among the children, the school community and society.

Keywords: Critical Racial Literacy; Basic education; Early Years; Education for Ethnic-Racial Relations; Anti-Racist Education.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Excertos 1, 2 e 3.....	30
Quadro 2 - Excertos 4, 5 e 6.....	31
Quadro 3 - Excertos 7 e 8.....	33
Quadro 4 - Excertos 9, 10 e 11.....	34
Quadro 5 - Excertos 12 e 13.....	35
Quadro 6 - Excertos 14, 15 e 16.....	37
Quadro 7 - Excertos 17, 18 e 19.....	39
Quadro 8 - Excertos 20, 21 e 22.....	40
Quadro 9 - Excertos 23 e 24.....	42

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Dados quantitativos obtidos na revisão bibliográfica.....	24
---	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Trabalhos selecionados para revisão bibliográfica.....	25
Tabela 2 - Ano de publicação dos dados selecionados.....	27
Tabela 3 - Localização de publicação dos dados selecionados.....	28
Tabela 4 - Trabalhos encontrados categorizados por áreas de conhecimento.....	56
Tabela 5 - Fundamentação teórica dos artigos selecionados.....	44

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
CEIMs	Centros Educacionais de Educação Infantil do Município de Chapecó
CLS	Critical Legal Studies
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EnPe	Ensino em Perspectiva
LDB	<i>Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional</i>
NEABI	Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas
PIBID	Programa Institucional de Iniciação à Docência
PPC	Projeto Pedagógico do Curso
RIEL	Revista Interdisciplinar em Estudos de Linguagem
SNPIR	Secretaria Especial de Promoção da Igualdade Racial
TO	Teatro do Oprimido
UFFS	Universidade Federal da Fronteira Sul

SUMÁRIO

	APRESENTAÇÃO.....	13
	INTRODUÇÃO.....	17
1	DISCORRENDO SOBRE CONCEITOS E TERMOS.....	19
2	PERCURSO METODOLÓGICO.....	22
2.1	DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	26
3	ANOS INICIAIS EM FOCO: O LETRAMENTO RACIAL CRÍTICO NA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA.....	30
3.1	LETRAMENTO RACIAL CRÍTICO.....	30
3.2	PRÁTICAS E ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS	34
3.3	GRUPOS ÉTNICO-RACIAIS.....	39
3.4	REFERENCIAIS TEÓRICOS.....	44
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
	REFERÊNCIAS.....	53
	APÊNDICE A – Trabalhos encontrados categorizados por áreas de conhecimento.....	56

APRESENTAÇÃO

Cada etapa percorrida antes desta pesquisa, construiu caminhos e rascunhos envolvendo a Educação para as Relações Étnico-Raciais, em que as experiências proporcionaram dúvidas, estranhamentos, revoltas, hipóteses e motivações para o desenvolvimento desta Monografia. É pertinente destacar quem vos fala nesta pesquisa, me apresento como uma mulher cis gênero, lésbica, negra, paulistana, de família trabalhadora e nordestina. Para que esta monografia alcançasse ao estágio final, busco recordações que me trouxeram até aqui, sendo também um meio de apresentação pessoal e desta pesquisa.

No ano de 2014, em busca de melhorias de vida, oportunidades de emprego, acesso a uma educação gratuita e de qualidade, junto a minha família mudamos de estado, de São Paulo para Santa Catarina. Esta mudança transbordou experiências nunca notadas anteriormente, violências verbais, racistas e xenofóbicas com todos os membros familiares, a sensação de não pertencimento e incômodo se mostrava sempre evidente nos espaços que frequentávamos.

Após alguns anos, com o ingresso na Universidade Federal da Fronteira Sul, no campus Chapecó acreditei que estar em uma universidade pública seria um espaço acolhedor para construção de novos saberes. Contudo a mesma sensação de não pertencimento e incômodo me acompanhavam, dentro do Curso de Licenciatura em Pedagogia, passei a observar como a presença ou ausência das Relações Étnico-Raciais e a educação antirracista acontecia na prática docente com crianças, na escola, nos estágios, nas relações pessoais entre crianças/professoras e na universidade.

Ao presenciar situações e aproximações com o racismo de forma mais evidente no Oeste Catarinense e pelo silenciamento de debate nos componentes curriculares obrigatórios do curso, trouxeram um emaranhado de questionamentos e revoltas que impulsionaram minha procura pessoal pelo ingresso em espaços de debate sobre a educação antirracista e a Educação para as Relações Étnico-Raciais.

Na 2ª (segunda) fase da graduação, no ano de 2019, fui convidada a colaborar na produção de um artigo. A produção deste artigo intitulado *História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na formação inicial de professoras(es) de Pedagogia* (LORO; DE SOUZA, 2021), fez com que o meu interesse pelo tema das Relações Étnico-Raciais, a educação antirracista aumentasse. A proposta de produção deste artigo surgiu após o componente curricular optativo *Educação Indígena e Educação das Relações Étnico-Raciais*, ofertado pelo curso de Pedagogia do campus Chapecó, quando emergiu a indagação sobre a implementação prática das *Diretrizes Curriculares Nacionais para a*

Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (Parecer CNE/CP 03/2004¹), a Lei nº 10.639/2003² e a Lei nº 11.645/2008³ na região do Oeste Catarinense.

Para a produção do artigo, foram elaborados roteiros com perguntas que foram respondidas por gestores de 19 escolas (públicas e privadas) em cinco cidades do Oeste de Santa Catarina: São Carlos (1 escola), Guatambu (1 escola), Chapecó (12 escolas), Coronel Freitas (4 escolas) e Nova Erechim (1 escola). A análise concluiu que existe pouco conhecimento sobre a legislação e a necessidade de maior formação para lidar com a temática racial, tendo as resoluções de problemas individuais relacionados ao racismo na escola como única ação evidente (LORO; DE SOUZA, 2021). Contudo, compreendeu-se que a formação inicial de professores pode ser um espaço de aprendizado sobre práticas e possibilidades de trabalhar a Educação para as Relações Étnico-Raciais na escola e superar outras práticas que reforçam o racismo e as relações de poder no ambiente escolar (LORO; DE SOUZA, 2021).

Motivada por essas preocupações, ingressei no *Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas* (NEABI) da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *campus* Chapecó, onde tive maior aporte para a conclusão do artigo científico já citado, publicado posteriormente, em 2021, na *Revista Retratos da Escola*. Junto ao grupo, pude ampliar meu desenvolvimento intelectual a partir de rodas de conversa, debates, cine debates, estudo de autores e obras envolvendo a temática de Educação para as Relações Étnico-Raciais, conceitos, estudos interseccionais e políticas para ações afirmativas. Portanto percebi que além do componente curricular optativo *Educação Indígena e Educação das Relações Étnico-Raciais*, ainda era muito pequeno o espaço de debate, visibilidade e interesse sobre a Educação para as Relações Étnico-raciais, nos espaços que estive presente como acadêmica do curso de Pedagogia, mesmo estando intrínsecas no contexto educacional.

A partir da minha afinidade, compreendi que nada está dissociado às demais áreas da educação, os sujeitos são constituídos historicamente, socialmente, culturalmente e politicamente, perpassando também pelas constituições particulares e coletivas de raça, classe e gênero. Minimamente familiarizada com a temática, após esses percursos, pude trazê-la em participações e debates durante as aulas do Curso de Pedagogia da UFFS, nos estágios obrigatórios e em espaços de educação não formal. Além disso, a inserção em programas e projetos durante o ano de 2019, ampliaram minha visão sobre a práxis e observações sobre as relações étnico-raciais na universidade e nas escolas.

1 Disponível em: https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_003.pdf?query=etnico%20racial. Acesso em: 19 nov. 2023.

2 Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 11 ago. 2023.

3 Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm. Acesso em: 11 ago. 2023.

É importante mencionar, também, minha participação no Projeto de Cultura ministrado no ano de 2019, intitulado *Oficinas de Contação de História, leitura e encenação nas escolas de Chapecó: gênero e diversidade étnico-racial* coordenadas pelo NEABI, organizadas e ministradas em dois Centros Educacionais de Educação Infantil do Município de Chapecó (CEIMs). A proposta teve como eixo a literatura e a música como recursos para representatividade e empoderamento voltado a crianças negras. Nestas oficinas, ministradas por três mulheres negras naturais de estados diferentes, evidenciei uma construção coletiva e artística riquíssima. Como parte da elaboração da oficina, houve a criação e composição da música, elaboração do enredo e a produção dos fantoches mamulengos pelas integrantes que ministraram. Após as apresentações nos CEIMs, ficou evidente uma maior aproximação e sensibilidade com a temática em minha trajetória. As crianças que tiveram mais interesse e interagiram foram as crianças negras, que demonstravam curiosidade e timidez em pequenos gestos. Nos CEIMs em que apresentamos, havia uma parcela pequena de crianças negras presentes durante as apresentações, em que, a cada 15 (quinze) crianças, 2 (duas) eram negras. Com esses resultados, foi possível problematizar: quais espaços de representatividade aquelas crianças viviam nos CEIMs? O racismo estaria presente na vida daquelas crianças ou não? E o quanto poderia afetar o desenvolvimento infantil?

Estas reflexões persistiram, contudo com a minha participação no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) também no ano de 2019, outras reflexões foram evidenciadas. O PIBID sinalizou meus primeiros contatos com a docência e a observação participativa, com maior proximidade com os processos de aprendizagem e docência nos anos iniciais do ensino fundamental, especificamente nos seus três primeiros anos. Contudo, movida por inquietações sobre os processos de aprendizagem nos primeiros anos, quando a alfabetização e o letramento têm grande importância social, permeando minha sensibilidade à temática étnico-racial, analisei situações que iam ao encontro da educação para as relações étnicas e o letramento.

No contexto da turma que tiveram aulas ministradas através do PIBID, as crianças negras, que eram a minoria, evidenciaram maiores dificuldades de aprendizagem, timidez e certo isolamento, demonstravam desconforto em atividades que deveriam expor particularidades físicas. Durante a execução das ações propostas no PIBID, se tornou notável como a prática docente da professora regente não parecia demonstrar cuidado com o desconforto das crianças quanto às suas identidades raciais. Estas observações participativas trouxeram alguns questionamentos: como relacionar a educação para as relações étnico-raciais durante o período de alfabetização e letramento? Como fazer uma educação antirracista? Como se dá o processo de construção e percepção identitária de crianças brancas e negras nos anos iniciais?

Permeada por essas inquietações sobre os processos de aprendizagem na segunda etapa da

Educação Básica, durante o componente curricular obrigatório *Linguagens, Alfabetização e Letramentos*, foi possível aproximar discussões sobre a importância social da alfabetização e do letramento, tendo função de construção do sujeito, seja pela decodificação de símbolos e ideias por meio de palavras, interações envolvendo contextos sociais e promoção de mudanças sociais (SOARES, 2009).

Quando a criança entra no 1º ano do ensino fundamental, entre 6 e 7 anos, passa por um processo de grande transformação, pois a sua função social na sociedade muda. De acordo com Martins (2016), quando a criança entra na idade escolar, sua atividade principal de desenvolvimento passa por uma “neoformação psicológica essencial ao processo de humanização: a formação do pensamento teórico.” (MARTINS, 2016, p. 171). A autora ainda aponta que mesmo o aprendizado estando presente em todas as faixas etárias da vida humana, é no início da idade escolar que a criança inicia a assimilação dos conhecimentos teóricos sistematizados pela sociedade.

Nesta etapa tão importante marcada por mudanças na função social e neoformações psíquicas, a criança nos anos iniciais do Ensino Fundamental passa por uma etapa de desenvolvimento das capacidades intelectuais e conceituais, a partir do trabalho do professor, que Libâneo (JOSÉ, 2010) chama de mediação didática e intervenção intencional nos processos mentais dos alunos. Alunos estes que não são vazios por não saberem ler e escrever, mas são constituídos historicamente, socialmente, culturalmente, politicamente, perpassando suas interseccionalidades entre raça, classe e gênero.

Ao refletir sobre a mediação didática do professor com os alunos, retomo atenção ao que Freire (1921) aponta: “A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele.” (FREIRE, 1921, p. 13). Assim como a palavra é viva, ela não é desconexa da realidade dos sujeitos, portanto para que seja possível uma alfabetização que desenvolva capacidades intelectuais e conceituais dos alunos, a leitura de mundo é primordial para dar sequência a leitura da palavra. Estando ambas em movimento constante. Quando a experiência educacional é carregada de significação, quando o sujeito significa os conceitos oportunizados pela mediação do professor, a aprendizagem e o desenvolvimento psíquico alcança grandes proporções.

No curso de Licenciatura em Pedagogia, segundo o atual Projeto Pedagógico do Curso (PPC), “a articulação entre a formação docente tem exigência de formação social” (UFFS, 2019, p. 19), em razão da sociedade brasileira ser formada por grupos de diferentes matrizes sociais/culturais, a escola e o currículo, em seu papel democrático, devem dar visibilidade às histórias e experiências subalternizadas em uma perspectiva antirracista por meio de uma educação que abranja e acolha a Educação para as Relações Étnico-Raciais em todas as faixas etárias, desde a Educação Básica até a Educação Superior. Desta maneira, esta trajetória evidenciou caminhos para

a compreensão da suma importância em desenvolver um olhar para a educação que reconheça a realidade social das crianças e estudantes, com uma aprendizagem significativa, crítica e participativa, envolvendo a Educação para as Relações Étnico-Raciais na construção deste processo.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa que tem como objeto o *Letramento Racial Crítico*. Com a aproximação com o tema de pesquisa, identifiquei que a Educação para as Relações Étnico-Raciais tem como marco a alteração da *Lei n° 9.394/1996*⁴, que modificada pela *Lei n° 10.639/2003* estabeleceu a obrigatoriedade da temática “História e cultura Afro-Brasileira” nos currículos de toda rede de ensino, e posteriormente, com a *Lei n° 11.645/2008*, incluiu a temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” no currículo oficial da rede de ensino brasileira. Essas ações movimentaram o debate da prática docente com a demanda de um ensino voltado às culturas e histórias antes invisibilizadas. Contudo, justifica a necessidade de continuar a questionar, estudar e produzir pesquisas que auxiliem no reconhecimento da cultura, da história e da [re]existência dos grupos subalternizados, afro-brasileiros e povos indígenas na história e identidade do Brasil.

Além disso, na pesquisa desenvolvida para a produção do artigo *História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na formação inicial de professoras(es) de Pedagogia* (LORO; DE SOUZA, 2021), citado anteriormente, destacou-se, como um dos resultados obtidos, que poucas e poucos docentes buscam realizar os objetivos previstos na legislação, enfrentando tensões entre escola e família, dificuldades estruturais e falta de formação continuada em proposta de sistema de educação no Oeste de Santa Catarina. Neste sentido, aprofundar o estudo sobre a educação para as relações étnico-raciais e dar sequência a pesquisa iniciada é uma das justificativas desta pesquisa, considerando que as relações étnico-raciais é uma área de estudo que ainda necessita de muitos avanços.

Como propôs Peres *et al.* (2014), a relação entre professores e alunos no ambiente escolar envolve muitas instâncias, como, por exemplo, a prática docente, as tendências e as abordagens pedagógicas, os posicionamentos políticos, os valores, as concepções e as crenças, sendo assim, toda a ação e relação no ambiente escolar não é neutra. Para que a educação para as relações étnico-raciais seja proporcionada nesta relação, o docente deve ter um posicionamento e compromisso em garantir uma educação antirracista e respeitosa com todos sujeitos que compõem o espaço escolar. Desta forma, se justifica o estudo nesta área pela docência atuar diretamente em todas as camadas sociais, étnicas e culturais, sendo imprescindível os estudos na área para que a prática se torne cada vez mais igualitária.

Ademais, justifico o enfoque nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, por possibilitar pensar na construção de um movimento importante para a criança nesta faixa etária, que está no

⁴ Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 11 ago. 2023.

processo de alfabetização e de letramentos. A existência de diferentes letramentos permeia esta possibilidade de escolha para uma abordagem pedagógica que envolva as crenças e valores para desenvolver uma educação, que acredito ser antirracista, decolonial, crítica e participava.

Partindo desses dados iniciais e da proposta do Letramento Racial Crítico, baseado na Teoria Racial Crítica (*Critical Race Theory*) de Ladson-Billings (1995), traduzido por Ferreira (2014), que envolve a práxis pedagógica antirracista e decolonial, em que há a participação crítica de alunos e de professores, capaz de possibilitar a ressignificação de identidades e histórias dos grupos racializados, foi definido que a questão problema que guia o estudo é: **como a produção acadêmico-científica nacional concebe e orienta o Letramento Racial Crítico sob a perspectiva antirracista na promoção da Educação para as Relações Étnico-Raciais nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental?**

Para tal, o objetivo geral deste trabalho é compreender de que forma a produção científica nacional discute o *Letramento Racial Crítico*, no que diz respeito à Educação para as Relações Étnico-Raciais, nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Para o desenvolvimento desta pesquisa, as seguintes questões de estudo foram construídas: a) Como avançou os conhecimentos científicos da área do Letramento Racial Crítico com enfoque nos anos iniciais do Ensino Fundamental?; b) Quais estratégias pedagógicas o Letramento Racial Crítico apresenta para prática docente considerada antirracista? c) Como a diversidade étnico-racial é apresentada e quais grupos são considerados pelas pesquisas? d) Essas pesquisas fazem usos de referenciais teóricos-políticos que dialogam com o movimento social negro e seus intelectuais?

Na sequência, para responder o problema de pesquisa proposto, são adotados como objetivos específicos: a) Investigar os avanços dos conhecimentos científicos sobre o Letramento Racial Crítico com enfoque nos anos iniciais do Ensino Fundamental; b) Identificar quais estratégias pedagógicas o Letramento Racial Crítico apresenta para uma prática docente antirracista; c) Mapear como a diversidade étnico-racial é apresentada e quais grupos étnico-raciais são considerados/nomeados nas pesquisas; d) Reconhecer o uso de referenciais teóricos comprometidos com o universo ético-político do movimento social negro.

1 DISCORRENDO SOBRE CONCEITOS E TERMOS⁵

A organização da estrutura social do país apresenta a hierarquização como base em marcadores raciais e a hegemonia da branquitude⁶ que com sua herança simbólica projeta um modelo universal de humanidade, reproduzindo a supremacia e subalternidade do grupo de pessoas negras e indígenas. A hierarquização, a exclusão moral e a desvalorização de um grupo está ligada a todos os elementos da vida, seja a aspectos sociais, econômicos, jurídicos, políticos ou imaginário social, o que, pelas contribuições de Almeida (2018), nos remete ao racismo estrutural.

Os anos de escravidão, colonização, extermínio, violência e o racismo contemporâneo levam essa hegemonia a silenciar, apagar a cultura, a história e as contribuições dos diferentes grupos na formação do país. Esta organização social histórica, pautada pelo eurocentrismo, levou a afirmação sobre a universalização, normatização e padronização da raça branca como superior às outras raças. Podemos perceber, portanto, que a raça atua de forma diferente para brancos, negros e indígenas, enquanto os primeiros têm suas histórias e culturas evidenciadas e exaltadas, os últimos têm suas experiências invisibilizadas, negadas ou banalizadas.

A classificação da humanidade em raças, estabelece uma hierarquização entre as raças. Segundo Munanga (2003) o estabelecimento de uma escala de valores entre as raças, envolvia características biológicas, qualidades psicológicas, morais, intelectuais e culturais nesta categorização. Os indivíduos da raça branca, por suas características físicas como cor da pele, formato do crânio, lábios, nariz e queixo, eram categorizados como mais bonitos, mais inteligentes e honestos. Munanga (2003) ainda discorre que nesta escala, a raça branca seria a mais apta a dominar os demais grupos. Já os negros, eram considerados como estúpidos, emocionais, menos inteligentes e menos honestos, sendo a raça mais sujeita a formas de domínio e escravidão. Desta forma, o conceito de raça desde sempre envolveu ideologias que justificassem a exclusão, o poder e a dominação sobre o “outro”.

Pensar na estrutura social, nos leva a refletir no sistema educacional moldado pelos discursos eurocêntricos e hegemônicos da branquitude. A escola, como um espaço social, é capaz de enquadrar esses modelos racistas, silenciadores e excludentes, seja no currículo, nas ações e práticas pedagógicas, nos materiais didático-pedagógicos e nas formações continuadas ofertadas pelo sistema educacional, podendo haver a inexistência da educação para as relações étnico-raciais

⁵ Neste espaço do texto, apresentarei conceitos e termos seguidos do referencial teórico que serão utilizados na monografia, desenvolvendo conceitos importantes para o tema de pesquisa que serão utilizados na análise dos dados.

⁶ Para o conceito de Branquitude sugiro a leitura de: BENTO, Maria Aparecida. Branqueamento e Branquitude no Brasil. In: Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil / Iray Carone, Maria Aparecida Silva Bento (Organizadoras) Petrópolis, RJ: Vozes, 2003, p. 25-58.

de forma efetiva.

Utilizo este capítulo para dissertar sobre termos e autores importantes para esta pesquisa, uma das referências para o desenvolver desta pesquisa é a autora Aparecida de Jesus Ferreira (2019), que disserta que no contexto escolar se torna mais significativo com a utilização de multiletramentos, envolvendo a vida social dos estudantes, estes que têm suas pluralidades de identidades e marcadores sociais.

O *Letramento Racial Crítico*, conceito baseado na Teoria Racial Crítica (*Critical Race Theory*) de Ladson-Billings (1995), traduzido por Ferreira (2014), é um dos conceitos importantes para esta monografia. Ferreira (2014) destaca que o Letramento Racial Crítico contribui com um conjunto de instrumentos e práticas pedagógicas que mobilizam a identidade racial branca e negra para refletir sobre raça, racismo, as hierarquias raciais e as construções pessoais de identidades raciais de forma crítica.

A aproximação das identidades raciais como uma das formas de avançar na desconstrução do racismo, considera que pessoas brancas precisam tomar consciência dos seus privilégios, conforme abordado por (SCHUCMAN, 2012) e os estudos da antropóloga Twine (2004 *apud* SCHUCMAN, 2012) com o conceito de *Racial Literacy*:

“*Racial Literacy*” é um conjunto de práticas que pode ser caracterizado como uma “prática de leitura” - uma forma de perceber e responder individualmente às tensões das hierarquias raciais da estrutura social - que inclui o seguinte: (1) um reconhecimento do valor simbólico e material da branquitude; (2) a definição do racismo como um problema social atual, em vez de um legado histórico; (3) um entendimento de que as identidades raciais são aprendidas e um resultado de práticas sociais; (4) a posse de gramática e um vocabulário racial que facilita a discussão de raça, racismo e anti-racismo; (5) a capacidade de traduzir e interpretar os códigos e práticas racializadas de nossa sociedade e (6) uma análise das formas em que o racismo é mediado por desigualdades de classe, hierarquias de gênero e heteronormatividade (TWINE, 2006, *apud* SCHUCMAN, 2012 p. 344, tradução livre).

Além do conceito de *Letramento Racial Crítico*, a filosofia *Afroperspectivista* será utilizada. Essa filosofia é um dos conceitos desenvolvidos por Renato Nogueira (2019) que reúne olhares e perspectivas diversas, que significa reunir produções com referências à afrocentricidade, ao quilombismo, ao perspectivismo ameríndio e afrodiaspórico como ferramentas de combate ao racismo. Os conceitos dissertados pelo autor auxiliaram na construir compreensões de uma educação antirracista que de forma crítica, que traga a construção intercultural e que reconheça e problematize as diferenças. A partir deste conceito, foi possível indicar se as pesquisas selecionadas fazem usos de referenciais teóricos-políticos que dialogam com o movimento social negro e seus intelectuais.

Ademais, utilizo como um conceito importante para esta pesquisa, o termo *descolonização*

dos currículos, da autora Nilma Lino Gomes (2012). Visto que, os currículos são territórios de disputa que implicam conflitos. Na questão racial, mesmo com legislações educacionais como a *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)*, a *Lei nº 9394/1996*⁷, a *Lei nº 10.639/2003* e a *Lei nº 11.645/2008*, a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena pode enfrentar desafios ou silenciamentos. Contudo, a *descolonização dos currículos* (GOMES, 2012) pode ressignificar e politizar a raça brasileira para uma ruptura epistemológica, cultural e política na educação, envolvendo o poder e o saber, a construção da interculturalidade⁸, o processo de dominação, de colonização, de escravidão, as representações e os estereótipos sobre a história e cultura. O termo *descolonização dos currículos* se fez necessário nesta pesquisa para problematizar a educação eurocêntrica, que necessita ser ressignificada para uma educação decolonial, recuperando os sujeitos, suas histórias, culturas e protagonismo histórico, envolvendo a relação entre a vida social, a escola e o currículo de forma emancipatória.

A *branquitude* é mais um conceito essencial para abordar pesquisas sobre as relações étnico-raciais, e por isso, utilizou-se a autora Maria Aparecida Bento (2003) e Cintia Cardoso (2018), que discorrem sobre o conceito de branquitude em suas pesquisas. Para Bento (2003) a branquitude está relacionada aos traços de identidade racial branca, ao medo projetado do branco sobre o negro, os pactos narcísicos entre os brancos e as conexões entre a ascensão negra e o branqueamento. Já Cardoso (2018), explora o termo considerando a branquitude em suas variações de manifestações da identidade branca em sua prática de poder e experiências pedagógicas na área educacional, sendo a *branquitude* uma construção social moldada por uma estrutura racista, significando privilégios simbólicos, materiais e vantagens sociais de poder por ser branco. Considero que o conceito de branquitude tem grande relevância para as pesquisas do campo das relações étnico-raciais, pensar em branquitude é questionar o lugar de poder da identidade racial historicamente não racializada, mas que racializa o outro para manutenção das vantagens raciais em todas as estruturas sociais.

⁷ Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 19 nov. 2023.

⁸ Vera Maria Candau, caracteriza a interculturalidade como um conceito que "questiona as diferenças e desigualdades construídas ao longo da história entre diferentes grupos socioculturais, etnicorraciais, de gênero, orientação sexual, religiosos, entre outros; parte da afirmação de que a interculturalidade aponta à construção de sociedades que assumam as diferenças como constitutivas da democracia e sejam capazes de construir relações novas, verdadeiramente igualitárias entre os diferentes grupos socioculturais, o que supõe empoderar aqueles que foram historicamente inferiorizados" (CANDAU, 2012).

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo serão apresentados os caminhos dessa pesquisa, que busca compreender de que forma a produção científica nacional discute o Letramento Racial Crítico na promoção da Educação para as Relações Étnico-Raciais, especialmente nos primeiros anos do Ensino Fundamental. Serão apresentadas a opção metodológica, a natureza da pesquisa. Em seguida será apresentado o *corpus* da pesquisa, a apresentação e análise dos dados.

A pesquisa será de cunho qualitativo, que, como propõe Minayo, terá a metodologia como caminho do pensamento e da prática da abordagem da realidade. Neste tipo de abordagem, de acordo com Minayo (1994, p. 21), se

[...] trabalha com o universo de significações, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Por esse motivo, a abordagem qualitativa se torna primordial para produzir uma pesquisa que vai além da mensuração de dados quantitativos. Pois permite tecer compreensões mais aprofundadas sobre a literatura já existente a respeito do objeto de estudo, como também, permite que o mapeamento da produção acadêmico-científica engloba aspectos como a intencionalidade das pesquisas, seus contextos e representações.

Além disso, a natureza da pesquisa será bibliográfica, do tipo *Estado do Conhecimento*, isto é, do tipo que analisa resultados de pesquisas já realizadas sobre o tema em foco e publicadas na forma de artigos científicos (ROMANOWSKI; ENS, 2006). Segundo Lakatos e Marconi (2003, p. 183), “[...] a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”. Assim, os estudos bibliográficos do tipo *Estado do Conhecimento* estudam pesquisas disponíveis em uma única base de dados, possibilitando conhecer o já realizado, suas contribuições, focos existentes, lacunas e possíveis novos interesses.

Para a pesquisa bibliográfica os seguintes critérios orientaram a constituição do *corpus* da pesquisa: (1) a base de dados escolhida foi o *Google Acadêmico*⁹, por se tratar de uma base de dados atualizada e confiável, com ferramentas de busca claras e satisfatórias que compreendem publicações acadêmicas em diversas páginas eletrônicas; (2) foram priorizados artigos científicos, publicados em revistas/periódicos científicos e em Anais de eventos/seminários acadêmicos; (3) para a busca, a expressão utilizadas foi “Letramento racial crítico”; (4) preferiu-se fazer a busca em

⁹ Disponível em: <https://scholar.google.com.br/>. Acesso em: 01 ago. 2023.

páginas eletrônicas em Português; (5) o recorte temporal teve como marco inicial o ano de 2015 e o marco final o ano de 2022, visto que se optou por um recorte temporal reduzido e atual, permitindo maior profundidade na análise da literatura encontrada, bem como a compreensão das contribuições e das potencialidades da literatura acadêmica para a visibilidade da educação para as relações étnico-raciais na contemporaneidade.

A busca de artigos de revisão na página eletrônica do *Google Acadêmico* foi feita em julho de 2023. Utilizando a expressão “Letramento racial crítico”, pesquisando em páginas eletrônicas em Língua Portuguesa e buscando artigos ordenados por data no período específico de 2015 - 2022, foram encontrados aproximadamente 263 resultados. A partir da leitura dos títulos, resumos e palavras-chave, foram selecionados 77 artigos para a revisão bibliográfica.

Em vista do tempo limitado para produzir o Trabalho de Conclusão de Curso e da grande quantidade de artigos selecionados, optamos em realizar um novo recorte para reduzir o número de produções científico-acadêmicas a serem analisadas e para potencializar a revisão bibliográfica qualitativa. Para organizar os 77 artigos selecionados, criou-se a *Tabela 4 - Artigos categorizados por áreas de conhecimento*, disponível no *Apêndice A¹⁰*, que permitiu organizar dados como: (1) o ano da publicação; (2) os autores do texto; (3) o título do trabalho; (4) a área temática da Revista/Anais; (5) o foco temático do estudo desenvolvido no artigo. Os dados referentes ao ano da publicação, autores e título do trabalho foram retirados dos elementos pré textuais dos artigos, como por exemplo, *templates*, cabeçalhos, notas de rodapé etc., já o dado da área temática da Revista/Anais foi retirado na página eletrônica da revista/do evento em que a produção está publicada, e o dado referente ao foco temático do estudo desenvolvido no artigo foi obtido a partir da leitura do resumo do texto.

A partir da leitura dos resumos, foram encontrados: 10 trabalhos com o foco de estudo na Língua Inglesa; 4 com o foco no Ensino Fundamental I; 1 no Ensino Fundamental I e Educação Infantil; 3 na Literatura Infantil; 1 em Gestão Escolar; 1 em Educação Infantil; 2 na Educação de Jovens e Adultos (EJA); 5 em Relações Étnico-raciais; 3 em Identidades sociais e de raça; 3 no ensino da Língua Inglesa no Ensino Médio; 1 no ensino de Língua Portuguesa e Inglesa; 1 Formação continuada de Língua Inglesa; 4 Formação de professores de Língua Inglesa; 1 em Linguística Aplicada em Língua Inglesa; 2 no Ensino de Língua Portuguesa; 3 no Ensino de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II; 1 no Ensino de Língua Portuguesa no Ensino Médio; 3 na Formação de professores de Língua Portuguesa; 2 em Língua Portuguesa; 1 no Ensino de Língua Espanhola; 1 em Português brasileiro como língua estrangeira; 1 no Curso de línguas para pessoas

¹⁰ No *Apêndice A*, página 56 deste trabalho, encontra-se uma tabela (*Tabela 4 - Artigos categorizado por áreas de conhecimento*) que organiza todos os 77 artigos encontrados no *Google Acadêmico*, previamente selecionados para a revisão bibliográfica desta pesquisa.

refugiadas; 1 em Estudos Literários; 4 em Linguística Aplicada; 4 em Estudos Linguísticos; 2 na Formação de professores de Línguas; 2 em Formação de professores; 1 na Formação de professores e legislação antirracista; 1 em Juízas e promotoras em Ciências Sociais; 1 em Mulheres em privação de liberdade; 1 no Mercado de trabalho; 1 no Ministério da Economia; 1 em Vestibulares; 1 em Geografia; 1 em Ciências Sociais; 1 em Biologia; e 1 em Trabalhadoras de universidade federal. O *Gráfico 1*, abaixo, apresenta em figura os dados quantitativos citados.

Gráfico 1 - Dados quantitativos obtidos na revisão bibliográfica
Fonte: elaborado pela autora (2023).

Através da coleta e categorização dos dados dos trabalhos encontrados, foi possível observar a diversidade de áreas de conhecimento; por meio destes resultados preliminares quantificamos o número de trabalhos por foco temático do estudo. Em vista dos objetivos específicos deste trabalho, escolhemos as categorias: (1) “Ensino Fundamental I”, com 4 artigos; (2) “Ensino Fundamental I e Educação Infantil”, com 1 artigo; e (3) “Identidades sociais e de raça” com 3 artigos. A escolha destas categorias se deu pelo motivo das categorias (1) e (2) estarem vinculadas a etapa escolar do Ensino Fundamental I, e a categoria (3) pelo foco nas construções e diversidades voltadas ao tema de “Identidades sociais e de raça”, sendo um dos conceitos que perpassa os objetivos desta pesquisa. Desta forma, a *Tabela 1* sintetiza o *corpus* do presente estudo, com 8 (oito) produções acadêmico-científicas para a realização desta Monografia.

Tabela 1 - Trabalhos selecionados para revisão bibliográfica

Texto	Ano da publicação e estado	Autor(es)	Título do trabalho	Revista/Anais	Foco temático do estudo
T1	2019 Espírito Santo	Gabriela dos Santos Coutinho	<i>Letramento Racial Crítico nos Anos Iniciais do Colégio Pedro II: narrativas docentes sobre práticas pedagógicas de reexistência</i>	<i>III Copene Sudeste</i>	Ensino Fundamental I
T2	2019 Paraná	Carolina Angélica Ferreira Netto; Talita de Oliveira	<i>Por uma educação antirracista: Teatro do Oprimido, Letramento Étnico-Racial e a transformação social de meninas negras</i>	<i>Travessias</i>	Ensino Fundamental I
T3	2019 Paraná	Keila de Oliveira; Aparecida de Jesus Ferreira	<i>Narrativas autobiográficas: o que dizem professoras da rede municipal de Ponta Grossa sobre um ensino que promova o Letramento Racial Crítico</i>	<i>UNILETRAS</i>	Ensino Fundamental I

T4	2020 São Paulo	Samantha Schäfer; Aparecida de Jesus Ferreira	<i>África e Brasil: saberes dos povos em prol do Letramento Racial Crítico</i>	<i>Revista Interdisciplinar em Estudos de Linguagem (RIEL)</i>	Ensino Fundamental I
T5	2021 Bahia	Marciele Neres de Jesus; Dinalva de Jesus Santana Macêdo	<i>Literatura infantil: valorizando a cultura afro-brasileira</i>	<i>Seminário Gepraxis</i>	Ensino Fundamental I e Educação Infantil
T6	2019 Ceará	Ariovaldo Lopes Pereira; Simeia Silva Pereira de Lacerda	<i>Letramento Racial Crítico: uma narrativa autobiográfica</i>	<i>Travessias</i>	Identidades sociais e de raça
T7	2021 Ceará	Eric Silva dos Santos; Kelvin Tadeu Russi Colc	<i>Bichas pretas e o Letramento Racial Crítico - devires em sala de aula</i>	<i>Mandinga - Revista de Estudos Linguísticos</i>	Identidades sociais e de raça
T8	2022 Ceará	Carla Jeany Duarte Braúna; Davison da Silva Souza; Zélia Maria Lemos Andrade Sobrinha	<i>Letramento Racial Crítico: ações para construção de uma educação antirracista</i>	<i>Ensino em Perspectiva (EnPe)</i>	Identidades sociais e de raça

Fonte: elaborado pela autora (2023).

A seguir, no subtítulo *2.1 Descrição e análise dos dados*, a partir de Bardin (2016), a coleta, a análise e a interpretação de dados será subsidiada pela *Análise de Conteúdo*, em que as fases serão divididas em: (i) pré-análise (organização do material para leitura prévia que constituirá o *corpus* da pesquisa, tendo regras de seletividade orientadas pelos objetivos da pesquisa); (ii) a exploração do material ou descrição analítica (reflexão, conexões de ideias, embasamento nos materiais empíricos, operação entre codificação e decomposição a partir de regras previamente formuladas); (iii) o tratamento dos resultados obtidos (a partir das análises, serão desenvolvidos tabelas para lançamento dos dados coletados e analisados nos textos destinada às conclusões). Os dados que responderão aos questionamentos desta pesquisa serão buscados ao longo de todo texto.

2.1 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Nesta pesquisa, a análise dos dados seguiu a metodologia de *Análise de Conteúdo* de Bardin (2016). Para a autora, a técnica é capaz de classificar elementos segundo critérios, podendo ser uma técnica híbrida, com características quantitativas e qualitativas, a definindo como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2016, p. 48).

Para a autora, os dados analisados por esta metodologia vão além da descrição de conteúdos, mas podem ter argumentos com várias condições e indicadores diferentes. A categorização é uma das técnicas apontadas pela autora e utilizadas nesta monografia, que aproxima os conceitos e elementos previamente definidos, tendo a possibilidade de reagrupá-los, posteriormente. Portanto, a *Análise de Conteúdo* (BARDIN, 2016) descreve os dados e passa pela interpretação, em diálogo com os referenciais teóricos da temática.

Para alcançar o objetivo inicial, que é compreender de que forma a produção científica nacional discute o Letramento Racial Crítico, no que diz respeito à Educação para as Relações Étnico-Raciais, especialmente nos primeiros anos do Ensino Fundamental, foi desenvolvida a primeira etapa da pesquisa, com a pré-análise, a organização e a seleção dos 8 (oito) artigos que constituem o *corpus* da pesquisa. A segunda etapa, denominada como exploração do material ou descrição analítica, permitiu que os dados passassem pela exploração, reflexão, organização e sistematização, onde foram identificadas as categorias previamente definidas, a partir dos objetivos específicos. Estas categorias se dividiram em: a) Letramento Racial Crítico; b) Prática Docente; c) Diversidade Étnico-Racial; d) Fundamentação Teórica. Por fim, conforme a proposta de Bardin (2016) os dados passam pelo tratamento de resultados e interpretação, esta etapa teve a organização com tabelas, gráficos e excertos no programa *LibreOffice*.

Inicialmente foi possível observar a variação temporal dos dados selecionados, o recorte temporal proposto nesta pesquisa teve como marco inicial o ano de 2015 a 2022. Contudo, como apresentado na *Tabela 2*, a publicação dos dados selecionados varia do período de 2019 a 2022. Esta maior produção a partir do ano de 2019 levantou questionamentos sobre como o termo desenvolveu importância para a área da educação, sobretudo para os estudos na área da Educação para as Relações Étnico-Raciais a partir deste ano.

Tabela 2 - Ano de publicação dos dados selecionados

DADOS	2015	2016	2018	2018	2019	2020	2021	2022
T1	-	-	-	-	1	-	-	-
T2	-	-	-	-	1	-	-	-
T3	-	-	-	-	1	-	-	-

T4	-	-	-	-	-	1	-	-
T5	-	-	-	-	-	-	1	-
T6	-	-	-	-	1	-	-	-
T7	-	-	-	-	-	-	1	-
T8	-	-	-	-	-	-	-	1
TOTAL	0	0	0	0	4	1	2	1

Fonte: elaborado pela autora (2023).

É importante refletir o contexto político nacional entre os anos de 2015 a 2019, para compreender o aumento significativo de pesquisas na área a partir de 2019. Em 2011, a Presidenta Dilma Rousseff, filiada ao Partido dos Trabalhadores (PT), exerceu o cargo de presidenta em seu segundo mandato, até seu afastamento por impeachment consumado em 2016. Contudo, os aspectos políticos e não regimentais ampliavam o viés golpista, como a articulação com os partidos de direita ligados ao vice-presidente Michel Temer (MDB).

Entre 2016 e 2019, Michel Temer exerceu o cargo de presidente, nomeando representantes dos ministérios da Educação e o Ministério da Mulher, da família e dos Direitos Humanos, que iniciaram o desmantelamento de uma educação e suporte humanamente básico para a sociedade, cometendo atrocidades em seus discursos, deixando claro seu posicionamento em relação a determinados grupos da sociedade, cometendo misoginia, racismo e lgbtfobia em muitas de suas falas.

De encontro com o contexto citado, a área da educação foi uma das mais atingidas, pois propostas de educação militarizada, domiciliar, Escola Sem Partido passaram a circular as mídias e no Planalto, além de cortes de verbas essenciais para o funcionamento das universidades públicas, silenciamento e ameaças constantes de desmontes, o campo da educação precisou se posicionar diante de tais ameaças. Dessa forma, analiso que se fez necessário que crescesse o número de pesquisas no campo da Educação para as Relações Étnico-Raciais, fortalecendo o campo a partir de 2019, com a entrada de um político de extrema direita na Presidência, Jair Messias Bolsonaro (PSL), que enfatizou ainda mais o cenário de desmantelamento no campo da educação.

Outro dado identificado está atrelado às regiões e estados de publicação em revistas/anais da temática *Letramento Racial Crítico*, como apresenta a *Tabela 3*. Foi evidente constatar a presença de trabalhos publicados em algumas regiões como no Nordeste (três publicações), no Sudeste (duas publicações) e no Sul (três publicações), seja na relevância da temática e das práticas educativas antirracistas predominantes nos dados selecionados. Não foram encontradas publicações nas regiões Norte e Centro-Oeste na variação temporal de 2015 a 2022 selecionada para esta pesquisa. Vale

considerar que os autores dos artigos publicados podem ser de regiões diferentes de onde a publicação do seu trabalho foi feita. Os autores da mesma região como Sul (três publicações) e Nordeste (três publicações), são diferentes, não têm os mesmos orientadores ou algo que relacione entre si.

Tabela 3 - Localização de publicação dos dados selecionados

DADOS	REGIÕES E ESTADOS				
	NORTE	NORDESTE	CENTRO-OESTE	SUDESTE	SUL
T1	-	-	-	ES	-
T2	-	-	-	-	PR
T3	-	-	-	-	PR
T4	-	-	-	SP	-
T5	-	BA	-	-	-
T6	-	-	-	-	PR
T7	-	CE	-	-	-
T8	-	CE	-	-	-
TOTAL	0	3	0	2	3

Fonte: elaborado pela autora (2023).

A partir do referencial teórico proposto previamente nesta pesquisa, com o entrelaçamento de uma educação que perpassa a Educação para as Relações Étnico-Raciais, foi elaborado o *tratamento dos resultados obtidos*, também conhecido como *Análise de Dados*. Este trabalho de análise será composto por categorias com diferenças específicas entre si, mas que compartilham uma aproximação com a perspectiva de uma educação Étnico-Racial e antirracista. As categorias foram divididas em:

- a) *Letramento Racial Crítico*: aborda temas como a construção de identidades raciais, definição e conceituação do termo Letramento Racial Crítico;
- b) *Prática Docente*: aborda temas como estratégias pedagógicas decoloniais e antirracistas, metodologias, tendências pedagógicas, ações e aplicações pedagógicas;
- c) *Diversidade Étnico-Racial*: aborda temas como Branquitude, Branqueamento, identificação de quais grupos são considerados pelas pesquisas, como a diversidade étnico-racial é apresentada;
- d) *Fundamentação Teórica*: aborda temas como uso de referenciais teóricos-políticos

que dialogam ou não com o movimento social negro e seus intelectuais, temas ligados à filosofia Afroperspectivista onde as produções têm referenciais a afrocentricidade, quilombismo, o perspectivismo ameríndio, afrodiaspórica comprometidas com o combate ao racismo (NOGUERA, 2019).

3 ANOS INICIAIS EM FOCO: O LETRAMENTO RACIAL CRÍTICO NA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA

Para melhor organização dos dados obtidos para tratamento e análise, por se tratar de dados retirados de textos, optei por diferenciar visualmente os excertos utilizados nesta análise, para não serem confundidos com citações de autores que utilizo como referencial teórico ou com minhas próprias elaborações no decorrer do trabalho. Os excertos foram organizados em quadros, com a identificação da palavra “excerto” seguida do número correspondente, o texto analisado será identificado com a letra T (Texto) e o número equivalente, por exemplo, T1 (Texto 1), seguido do ano da publicação e da página em que foi retirado.

3.1 LETRAMENTO RACIAL CRÍTICO

Na categoria *Letramento Racial Crítico* abordam o tratamento e análise dos dados, com definição e conceituação do termo, possíveis caminhos escolhidos e como o Letramento Racial Crítico é evidenciado que serão apresentados em excertos. Com esta organização é possível observar os avanços do Letramento Racial Crítico e se há enfoque nos anos iniciais do Ensino Fundamental a partir dos artigos selecionados desta pesquisa. No quadro abaixo será apresentado excertos retirados dos artigos selecionados, com identificação pela letra T e por número, conforme a *Tabela 1*¹¹.

Quadro 1 - Excertos 1, 2 e 3

<p>Excerto 1</p> <p>Fonte: T8 (BRAÚNA; SOUZA; SOBRINHA, 2022, p. 6)</p>	<p>O conceito de Letramento Racial “[...] surge a partir da Teoria Racial Crítica (<i>Critical Race Theory</i>) nos Estados Unidos, onde alguns autores usam raça como ponto de partida para analisar uma série de questões sociais” (SANTOS; AMORIM, 2021, p. 04-05). O Letramento Racial é uma ferramenta que nos ajuda a perceber como a raça opera na sociedade brasileira, ou seja, é uma prática de leitura do mundo (SEVERO, 2021) em que podemos perceber os privilégios que a branquitude detém e mantém, e as barreiras impostas às populações negras.</p>
<p>Excerto 2</p> <p>Fonte: T1 (COUTINHO, 2019 p.5)</p>	<p>Usando o referencial da Teoria Racial Crítica, que considera narrativas, autobiografias, histórias, contranarrativas, histórias não hegemônicas para demonstrar como o racismo é estrutural na sociedade e no ambiente educacional, Ferreira (2015) propõe reflexões sobre a identidade e experiência docente para compreender como a raça influencia as trajetórias educacionais dos indivíduos e dos grupos.</p>

¹¹A Tabela 1 - Trabalhos selecionados para revisão bibliográfica encontra-se na página 27 desta Monografia.

<p>Excerto 3</p> <p>Fonte: T2 (NETTO; Oliveira, 2019, p. 83-84)</p>	<p>Trabalhamos aqui com o conceito de letramento racial crítico desenvolvido por Ferreira (2015) que, baseando-se nos estudos da Teoria Racial Crítica, vem desenvolvendo pesquisas através de narrativas autobiográficas, com ênfase na formação de professores. Segundo Ferreira (2015), existem cinco princípios que definem a Teoria Racial Crítica: 1. Ela reconhece que o racismo é endêmico na sociedade. 2. Desafia a ideologia dominante e suas reivindicações. 3. Tem compromisso com a justiça social. 4. Tem perspectiva interdisciplinar. 5. Centraliza-se no conhecimento experiencial das pessoas de cor. (FERREIRA, 2015, p. 28-29).</p>
---	--

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Nos excertos 1, 2 e 3 é possível observar a presença da Teoria Racial Crítica (*Critical Race Theory*), apresentando grande importância para o debate e pesquisa sobre o Letramento Racial Crítico. Segundo Ferreira (2014), a Teoria Racial Crítica surgiu nos anos 70, nos Estados Unidos, pelo trabalho de Derrick Bell (um africano-americano) e de Alan Freeman (um branco) no campo da pesquisa legal.

Entretanto, Ladson-Billings e Tate (1995) introduzem a Teoria Racial Crítica no campo educacional, conforme tradução de Ferreira (2014, p. 243) os princípios elucidados no Excerto 3 foram atualizados por Milner e Howard (2013): 1. A intercentricidade de raça e racismo, que perpassa outras formas de subordinação; 2. O desafio à ideologia dominante, desafiando reivindicações da Branquitude; 3. O compromisso com a justiça social, trabalhos voltados ao ganho de direitos, eliminação do racismo, sexismo e pobreza; 4. A perspectiva interdisciplinar, campos em que raça, racismo e (des)igualdade racial perpassam; 5. A centralidade do conhecimento experiencial, conhecimentos de pessoas negras são considerados valiosos, como análise, ensino, escuta de experiências vividas, narrativas, crônicas, entre outros.

Após um breve resumo dos princípios utilizados na Teoria Racial Crítica, é possível observar nos dados, quais caminhos foram escolhidos para reflexões e ações utilizando o Letramento Racial Crítico como instrumento. Como vemos nos excertos a seguir, o princípio da “perspectiva interdisciplinar”, a “intercentricidade de raça e racismo” e a “centralidade do conhecimento experiencial” (Ferreira, 2014) são evidentes:

Quadro 2 - Excertos 4, 5 e 6

<p>Excerto 4</p> <p>Fonte: T3 (OLIVEIRA; FERREIRA, 2019, p. 142)</p>	<p>Nesse sentido, ressaltamos a importância do Letramento Racial Crítico, que leva a criança a refletir e perceber que há personagens negros como protagonistas de suas histórias infantis, dos desenhos animados, nos programas de televisão, nos filmes, nas propagandas, nos livros didáticos, de modo que a criança negra, ao ser questionada sobre qual é seu personagem preferido, tenha a possibilidade de mencionar um</p>
--	--

	<p>personagem negro ou negra, que se pareça com ela. Desse modo, o Letramento Racial Crítico possibilita que as discussões sejam realizadas mesmo antes da alfabetização, uma vez que o professor compreende que oportunizar discussões sobre raça não se limita à aquisição do código escrito. Um instrumento que pode ser utilizado pelo professor para promover o Letramento Racial Crítico é o livro de literatura infantil, que possibilita ao professor realizar diversas atividades com as crianças, como contar a história das personagens, fazer com que as crianças percebam e reflitam sobre as questões raciais de maneira lúdica, propor a criação de um autorretrato, em que cada criança tenha a liberdade de colocar no papel como ela se vê: tom de pele, cabelo, cor dos olhos, entre tantas outras possibilidades.</p>
<p>Excerto 5</p> <p>Fonte: T4 (SCHÄFER; FERREIRA, 2020, p. 11)</p>	<p>O projeto foi gratificante às (aos) alunas (os), à medida que foram debatendo os assuntos expostos como a cultura africana, a diversidade, entre outros. Foram se tornando mais críticos e fazendo perguntas cada vez mais pertinentes ao tema, querendo saber cada vez mais. A descoberta, por elas (es) da cultura africana e afro-brasileira e da sua importância para a constituição do nosso país, fez com que algumas (uns) alunas (os), negras (os) que antes tinham vergonha do seu cabelo, por exemplo, o assumissem de forma plena.</p>
<p>Excerto 6</p> <p>Fonte: T5 (JESUS; MACÊDO, 2021, p. 11)</p>	<p>Logo, a relevância em se trabalhar com as questões étnico-raciais se manifesta à medida em que a criança negra passa a entender que por trás da sua cor preta e do seu cabelo crespo, existe a ancestralidade de um povo com características próprias, das quais ela deve se orgulhar e a criança não negra em contato com as culturas afro-brasileiras e africanas, poderá desconstruir estereótipos, acolher o outro em suas diferenças e valorizar as culturas afrocentradas.</p>

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Os excertos do *Quadro 2* vislumbram práticas e experiências do Letramento Racial Crítico com crianças, no Excerto 4 o princípio da “Perspectiva interdisciplinar” (Ferreira, 2014) é utilizado no trecho que evidencia o livro de literatura infantil, pautado como um instrumento para promover o Letramento Racial Crítico, pela possibilidade de experiência interdisciplinar entre diversas áreas do conhecimento. As identidades raciais que, mesmo antes da alfabetização, estão presentes na construção dos sujeitos desde os primeiros anos de vida, são marcadas por subordinações interseccionais realizadas pela sociedade.

Já no Excerto 5 o princípio da “centralidade do conhecimento experiencial” é evidente, o projeto realizado oportunizou debate e troca de vivências entre alunas sobre raça e racismo. De acordo com Ferreira (2014, p. 243) “é esse princípio que traz as narrativas, as contranarrativas e as autobiografias como importantes para analisar as experiências vividas sobre raça e racismo”. Nesse movimento crítico de debate coletivo, além de refletir nas alunas um empoderamento sobre seus cabelos, elas evidenciaram uma descoberta, a “cultura africana e afro-brasileira e da sua importância para a constituição do nosso país [...]” (Excerto 5).

Contudo, o princípio “Do desafio à ideologia dominante” (Ferreira, 2014) é presente em todos os excertos. No Excerto 4 e 6, ao trabalhar o Letramento Racial Crítico, os debates evidenciam o espaço da raça e racismo, uma (re)construção identitária, com viés empoderador com crianças e a criticidade para “desconstruir estereótipos, acolher o outro em suas diferenças e valorizar as culturas afrocentradas” (Excerto 6). Já nos excertos 7 e 8, o Letramento Racial Crítico é mais uma vez evidenciado com contribuições e possíveis potencialidades, como vemos no quadro a seguir:

Quadro 3 - Excertos 7 e 8

<p>Excerto 7</p> <p>Fonte: T6 (PEREIRA; LACERDA, 2019, p. 103)</p>	<p>Assim, o estudo do Letramento Racial Crítico pode contribuir para o surgimento de identidades mais comprometidas com a superação histórica das desvantagens, à medida que os indivíduos entendem o funcionamento das relações de poder e dos discursos, aprendem a respeitar sua história, identidade e coletivamente buscam meios para que uma sociedade mais justa e igualitária seja possível.</p>
<p>Excerto 8</p> <p>Fonte: T7 (SANTOS; COLC, 2021, p. 50)</p>	<p>Portanto, concluímos que o LRC pode ser uma das ferramentas para que a bicha preta violentada enquanto discente volte à sala de aula enquanto docente, apropriada de sua raça e sexualidade, para acertar as contas com o seu passado, rompendo o ciclo de violência contra uma coletividade. (p.50)</p>

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Os excertos 7 e 8 trazem reflexões sobre como o Letramento Racial Crítico pode trazer impactos individuais, coletivos e de transformação social. As ferramentas utilizadas pela Teoria Racial Crítica permitem que se construa compreensões sobre a formação de identidades raciais, se problematize a branquitude, abram caminhos para se desenvolver um pertencimento racial, tão importante para crianças que desde os primeiros anos de vida são racializadas pela sociedade de maneiras cruéis e diversas. Evidência orgulho de uma identidade interseccionada, que perpassa raça, classe, sexualidade, gênero, cultura.

Foi notável que na categoria *3.1 Letramento Racial Crítico* é mencionado o negro, mas o branco, sua identidade ou o conceito de branquitude não foi evidenciado nos excertos. Schucman (2012) enfatiza a necessidade de falarmos das identidades raciais brancas, para que os brancos se percebam racializados e tenham “*Racial Literacy*”, um conjunto de práticas para “perceber e responder individualmente às tensões das hierarquias raciais da estrutura social” (SCHUCMAN, 2012, p. 103).

3.2 PRÁTICA DOCENTE

Na categoria *Prática Docente* será abordado o tratamento e análise dos dados de temas como estratégias pedagógicas, ações e aplicações didático-pedagógicas. Serão apresentadas em excertos, identificados pela letra T e número conforme a *Tabela 1*. Nos excertos que compõem o *Quadro 4*, a seguir, alguns pontos sobre a articulação de teoria e prática são evidenciados, a prática pedagógica é um campo de intenso debate por não existir neutralidade, porém diferentes práticas são evidenciadas.

Quadro 4 -Excertos 9, 10 e 11

<p>Excerto 9</p> <p>Fonte: T1 (COUTINHO, 2019, p. 4)</p>	<p>[...] Compreender os desafios no campo da formação docente e da prática pedagógica emancipatória é primordial para a construção de uma consciência racial crítica e, conseqüentemente, para a promoção da escola como espaço de equidade. O recorte para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental justifica-se na busca pela compreensão dos fazeres pedagógicos racista e antirracistas que atravessam a infância e refletem em toda a trajetória escolar.</p>
<p>Excerto 10</p> <p>Fonte: T6 (PEREIRA; LACERDA, 2019, p. 95)</p>	<p>Assim, Rojo (2012) afirma que essa pedagogia dos multiletramentos propunha uma atuação docente e da escola alinhada com uma prática situada, que valorizasse as culturas do alunado e sua relação com outras culturas e espaços culturais. A junção do local e o global, aliada a uma instrução aberta que seria uma análise sistemática e consciente dessas práticas (situadas) num movimento de <i>desing</i> e <i>redesign</i>, que levaria a uma análise crítica dos diferentes modos de significação e construção de valores. Esse movimento é gestado a partir do que o GNL chama de “enquadramento dos letramentos críticos”.</p>
<p>Excerto 11</p> <p>Fonte: T8 (BRAÚNA; SOUZA; SOBRINHA, p. 6)</p>	<p>A escola, como uma instituição da sociedade, não é neutra ou isenta, ela é ideológica, portanto, se a sociedade é racista a escola é racista, pois “Os brancos controlam os meios de disseminar as informações; o aparelho educacional; eles formulam os conceitos, as armas e os valores do país” (NASCIMENTO, 2016, p. 54). Logo, o grupo minoritário (branco) se beneficia diretamente e indiretamente desse controle. (p.6) Por meio da educação brancocêntrica “[...] nossas crianças são induzidas a acreditar que ser um homem branco e burguês constitui o grande ideal a ser conquistado” (GONZALEZ, 2020, p. 160). E essa educação enxerga as identidades negras de forma negativa, fazendo com que as populações negras tenham na população branca um modelo de ser humano (SOUZA, 2021), já que o sistema educacional, transmite a ideia de uma população negra, pobre, feia, suja e coisificada, como sendo não humana.</p>

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Na perspectiva de descolonização dos currículos abordada por Gomes (2012) abrange que mudanças sociais, tensões políticas, a força de culturas negadas e silenciadas nos currículos tendem

com os anos, a ganhar espaço. Vemos como esta afirmação da autora pode se referir ao Excerto 9, onde a prática pedagógica nomeada é a emancipatória, relacionada com sua importância na consciência racial e na promoção da escola como espaço de equidade. A emancipação é apontada por Freire (2014) como um contínuo trajeto da práxis, pela libertação de sujeitos marcados pela desumanização. A prática emancipatória aproxima a Educação para as Relações Étnico-raciais de uma ação mediada por construção coletiva para uma educação transformadora, conforme Gomes (2012):

Ele serve antes de tudo para tornar vulnerável e desestabilizar os modelos epistemológicos dominantes e para olhar o passado através do sofrimento humano, que, por via deles e da iniciativa humana a eles referida, foi indesculpavelmente causado. Esse olhar produzirá imagens desestabilizadoras, susceptíveis de desenvolver nos estudantes e nos professores a capacidade de espanto e de indignação e uma postura de inconformismo, as quais são necessárias para olhar com empenho os modelos dominados ou emergentes por meio dos quais é possível aprender um novo tipo de relacionamento entre saberes e, portanto, entre pessoas e entre grupos sociais. Poderá emergir daí um relacionamento mais igualitário e mais justo, que nos faça apreender o mundo de forma edificante, emancipatória e multicultural (GOMES, 2012, p. 107).

Nesta perspectiva de prática emancipatória, a autora se refere a uma construção de “uma história outra que se oponha à perspectiva eurocêntrica dominante” (GOMES, 2012, p. 107). Neste sentido, o conflito desestabiliza os modelos dominantes da branquitude, levando ao que a autora chama de emersão do relacionamento mais igualitário, emancipatório e multicultural. No Excerto 11 é evidenciado uma problematização em torno da educação brancocêntrica, onde a Branquitude, a identidade social do branco, os privilégios, a raça branca que se mantém por um sistema educacional mantém meios de exclusão e opressão.

Já no Excerto 10 a pedagogia dos multiletramentos é evidenciada como uma atuação docente que valoriza as culturas e os espaços culturais. Levando a interpretar diversas possibilidades de letramentos para compreender as diferenças na sociedade, como o Letramento Racial Crítico e sua efetiva relação no campo educacional.

Quadro 5 - Excertos 12 e 13

Excerto 12	No caso das professoras que escreveram as narrativas autobiográficas que analisamos aqui, encontramos dois relatos em que elas perceberam no cotidiano escolar que algumas crianças apresentam atitudes que demonstram racismo. Apenas uma professora menciona “nunca ter percebido”, no entanto, ao iniciar o assunto “sobre racismo”, ela relata que as crianças “percebiam que já foram vítimas e relatam os fatos”. Em ambos os casos, a narrativa autobiográfica possibilitou a reflexão das professoras sobre como as crianças (re)conhecem sua identidade racial e a do outro. [...] Destacamos também que as narrativas
------------	---

<p>Fonte: T3 (OLIVEIRA; FERREIRA, 2019, p. 145)</p>	<p>autobiográficas permitem que haja uma reflexão sobre a própria prática, o que certamente é positivo, pois é assim que nós, enquanto professores, temos a possibilidade de perceber nossos limites e avanços, e assim, (re)construir nossa prática na busca de uma educação na perspectiva do Letramento Racial Crítico. (p.145)</p>
<p>Excerto 13</p> <p>Fonte: T8 (SANTOS; COLC, 2021, p. 49)</p>	<p>É através da partilha de narrativas autobiográficas, potencializadas por meio de práticas pedagógicas, que o docente cria uma relação dialógica com os discentes, gerando então uma pedagogia engajada (hooks, 2017), com o objetivo de transformar epistemologias eurocêntricas, por muitos anos engessadas no currículo escolar, em práticas de liberdade e de transgressão, tanto para o professor quanto para o aluno. (p.49)</p>

Fonte: elaborado pela autora (2023).

No *Quadro 5* as narrativas autobiográficas são o eixo em comum dos excertos. No Excerto 12 as narrativas autobiográficas que são feitas pelas crianças, servem de ferramenta de análise e observação para as professoras, sobre como elas reconhecem suas identidades raciais. Em seguida é destacado que o uso das narrativas autobiográficas permite que as professoras reflitam suas próprias práticas docentes. As narrativas e autonarrativas são exploradas pela Teoria Racial Crítica (*Critical Race Theory*), estabelecida como quinto princípio fundamental desta teoria, abordada por por Milner e Howard (2013) e parafraseada por Ferreira (2014):

5. A centralidade do conhecimento experiencial. A Teoria Racial Crítica reconhece o conhecimento empírico das pessoas de cor como credível, altamente valioso e imprescindível para a compreensão, a análise e o ensino sobre a subordinação racial em todas as suas facetas (CARRASCO, 1996). A Teoria Racial Crítica solicita, explicitamente, analisa e escuta as experiências vividas das pessoas de cor através de métodos contranarrativos “counterstorytelling”, tais como histórias de família, parábolas, depoimentos e crônicas [...] (FERREIRA, 2014, p. 243).

Como as experiências de vida são inerentes ao ser humano, as autonarrativas comunicadas e compartilhadas oralmente, em registros escritos, pela expressão corporal ou outras linguagens, aproxima os sujeitos. No Excerto 13 é possível observar que as narrativas autobiográficas aproximam uma relação dialógica entre aluno e professores, é citado uma educação pela prática da liberdade e de transgressão. Bell Hooks (2013) envolve esses conceitos como uma prática da liberdade, de transgressão e a pedagogia engajada.

Desde o começo, foi a insistência de Freire na educação como prática da liberdade que me encorajou a criar estratégias para o que ele chamava de "conscientização" em sala de aula. Traduzindo esse termo como consciência e engajamento críticos, entrei nas salas de aula convicta de que tanto eu quanto todos os alunos tínhamos de ser participantes ativos, não consumidores passivos. A educação como prática da liberdade era continuamente solapada por professores ativamente hostis à noção de participação dos alunos. A obra de Freire

afirmava que a educação só pode ser libertadora quando todos tomam posse do conhecimento como se este fosse uma plantação em que todos temos de trabalhar (HOOKS, 2013, p. 26).

Uma educação para a prática da liberdade que Hooks (2013) aproxima da perspectiva Freireana envolve o viés crítico de importância do trabalho do professor, da prática docente que vai de encontro com o desenvolvimento de conceitos a partir da conscientização, mediada pelo educador. Nesta mediação crítica entre os sujeitos, é necessário que se desenvolva uma práxis, que de acordo com Freire (2014) envolve a reflexão, a tomada de consciência e ação dos sujeitos na sociedade, alcançando assim uma prática verdadeiramente libertadora e transformadora.

Quadro 6 - Excertos 14, 15 e 16

<p>Excerto 14</p> <p>Fonte: T2 (NETTO; OLIVEIRA, 2019, p. 79-80)</p>	<p>Aproveitando o processo criativo do grupo, a professora resolveu introduzir no 15º encontro, realizado em 4 de setembro de 2017, instrumentos de percussão que pudessem colaborar com a construção da sonoplastia: um tambor pequeno e um agogô. Com a entrada dos instrumentos, vieram suas histórias, seus significados, suas origens. Ambos de origens africanas, realizaram-se vários exercícios de criação de ritmos, a partir dos quais as alunas criavam batidas de funk, de pagode e de “corinho de fogo”, que são canções gospel de ritmo bastante animado tocados nas igrejas pentecostais frequentadas por algumas delas e suas famílias [...]. A introdução de instrumentos como o agogô – que, segundo as interlocutoras presentes, nunca tinham sido vistos antes por elas – faz parte de uma agenda política de inserção de saberes estéticos negros no cotidiano de criação artística dessas meninas.</p>
<p>Excerto 15</p> <p>Fonte: T5 (JESUS; MACÊDO, 2021, p. 7-8)</p>	<p>Ao serem indagados sobre o que já ouviram sobre a África, as falas se basearam em fome e miséria. Porém o livro “A África de Dona Biá” de autoria de Fábio Gonçalves Ferreira levou os educandos para o continente africano, apresentando-os um continente diferente daquele que se encontra no livro didático, uma África rica em conhecimentos, saberes, culturas e tradições.</p> <p>As crianças foram organizadas em círculos e antes de iniciar a contação, realizou-se algumas perguntas, para que elas expusessem sua visão sobre o continente africano. Após ouvi-las, a leitura foi realizada e logo depois foram lançados os questionamentos anteriores novamente, no entanto os alunos e alunas já não tinham certeza das respostas, antes ditas com convicção. [...] As reflexões em conjunto construíram naquele momento, uma nova visão sobre a África, desconstruindo ideias e conceitos associados ao negativismo. Mas para que essa visão positiva permaneça, é necessário que os processos de desconstrução e construção transcorram diariamente.</p>
<p>Excerto 16</p>	<p>4) Interdisciplinaridade: PROFESSORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA: trabalhou a luta de origem africana Maculelê e diversas brincadeiras brasileiras como: escravos de Jó, que foi explicado e trabalhado de forma crítica, barra manteiga, e brincadeiras africanas como: bambolê e pega o bastão (Egito), mamba (África do Sul), saltando o feijão</p>

<p>Fonte: T4 (SHÄFER; FERREIRA, 2020, p. 8)</p>	<p>(Nigéria), terra mar (Moçambique), Tsoro Yematatu (Zimbábue), bole-bole (Gana), todas contextualizadas de acordo com a região de origem através de mapas e do globo. PROFESSORA DE EXPRESSÃO CORPORAL: trabalhou as danças típicas de várias regiões da África, como a dança de resistência negra, o Jongo. PROFESSORA DE ARTES: confeccionou máscaras, que tem grande importância na cultura africana, e ainda, a confecção do cabelo afro com lã (que foi sugestão das (dos) próprias (os) alunas (os)).</p>
---	---

Fonte: elaborado pela autora (2023).

No *Quadro 6* foram selecionadas algumas atividades retiradas dos dados coletados, foi priorizado uma atividade de cada artigo, contudo somente 3 (três) artigos evidenciaram práticas pedagógicas e/ou atividades mediadas. No Excerto 14 a inserção de instrumentos de percussão como agogô e tambor é organizado através do Teatro do Oprimido, tendo como objetivo a inserção de saberes estéticos negros na criação artística das meninas participantes do grupo.

É possível observar que no Excerto 15, a utilização da literatura e contação de histórias amplia os conhecimentos e conscientização do continente Africano, evidenciando ricos conhecimentos, saberes, culturas e tradições do continente, indo além de conceitos voltados ao negativismo e imaginário racista. Já no Excerto 16, é apresentada uma interdisciplinaridade entre educação física, expressão corporal e artes. Oportunizando diversas experiências como lutas de origem africana, brincadeiras africanas e brasileiras, dança de resistência negra, confecção de máscaras.

Esta (re)construção do imaginário social, especificamente voltados a crianças em idade para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, oportuniza o desenvolvimento de conceitos, criticidade e conscientização sobre a cultura, a história afro-brasileira e africana. A contextualização das regiões do continente africano, localizações utilizando diversos materiais como mapas, globos terrestres, diálogo e participação coletiva entre alunos, professores, funcionários do ambiente escolar e a comunidade em geral toma proporções além da sala de aula.

As atividades evidenciadas são alguns exemplos de ações pedagógicas antirracistas, decoloniais e principalmente pela perspectiva do Letramento Racial Crítico. Esta criatividade desenvolvida em diversas ações pedagógicas aproxima uma educação que Hooks (2013) chama de libertadora e emancipatória, pois estes conceitos desenvolvidos coletivamente são evidenciados na sociedade pela práxis.

Foi notável que na categoria 3.2 *Prática Docente*, diferentes práticas são mencionadas como: a prática pedagógica emancipatória; a pedagogia dos multiletramentos e problematizada a educação brancocêntrica. Contudo nesta categoria também foi possível observar a importância das

narrativas autobiográficas, que além de serem um dos princípios da Teoria Racial Crítica (*Critical Race Theory*) é uma ferramenta para análise dos professores sobre suas próprias narrativas e como seus alunos reconhecem suas identidades raciais. Por fim, foi possível observar diferentes atividades e ações pedagógicas motivadas por uma prática emancipatória envolvendo práxis e criticidade.

3.3 DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL

As informações contidas na categoria *Diversidade Étnico-Racial* retratam o tratamento e análise dos dados obtidos, especificamente ao que se refere a identificação de grupos pela diversidade étnico-racial e temas como Branquitude e Branqueamento, que serão apresentados em excertos. Com esta organização, é possível observar como as relações étnico-raciais são discutidas, problematizadas, contempladas ou invisibilizadas, em grupos étnico-raciais. No quadro abaixo, há excertos retirados dos artigos selecionados para análise, identificados por número, conforme a *Tabela 1*.

Quadro 7 - Excertos 17, 18 e 19

<p>Excerto 17</p> <p>Fonte: T2 (NETTO; Oliveira, 2019, p. 73)</p>	<p>O objetivo do presente trabalho consiste em investigar o uso do TO no processo educacional como ferramenta em busca de um letramento étnico-raciais e de transformação social de meninas negras, visando ao diálogo e à reflexão a respeito da construção de suas identidades e subjetividades, bem como da naturalização de opressões.</p>
<p>Excerto 18</p> <p>Fonte: T5 (JESUS; MACÊDO, 2021, p. 12)</p>	<p>Nessa perspectiva, o projeto reforçou a urgência de temáticas que valorizem autoestima dentro da escola. Por meio das trocas de experiências e aprendizagens, percebeu-se que alguns dos educandos, principalmente os estudantes negros maiores possuem uma baixa autoestima em relação a aparência. Fatos que podem ser associados às representações hegemônicas, instauradas em muitas instituições educacionais, que invisibilizam e reprimem as diferenças. Nesse sentido, as diferenças são apresentadas como produções de desigualdades.</p>
<p>Excerto 19</p> <p>Fonte: T6 (PEREIRA; LACERDA, 2019, p. 102)</p>	<p>O mesmo percebe-se no relato 04, em que a beneficiária do programa social, branca e em situação de desvantagem econômica, contudo ancorada na vantagem simbólica da sua branquitude, se sente autorizada a falar em alto e bom som: <i>sua preta suja e nojenta</i>. [...] Já no relato 02, na fala permeada de racismo “<i>Preta, suas meninas são pretinhas, mas são muito bonitinhas, elas são tão limpinhas</i>”, fica evidente a desvantagem simbólica e estética à qual os corpos negros são expostos, em relação à representação normativa dos corpos brancos. O “ser bonito” está sempre associado ao “ser branco”. A conjunção adversativa, “mas” da frase em questão indica claramente o binarismo presente nessa relação.</p>

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Nos excertos do *Quadro 7* é possível observar algumas similaridades. Poucos

problematizam a branquitude, mas aproximam o debate em diferentes perspectivas sobre o negro, tendo-o como principal eixo problematizador. No Excerto 17, é possível observar que dentro da proposta apresentada com a utilização do *Teatro do Oprimido* como ferramenta do Letramento Racial, o grupo participante é de meninas negras. A reflexão, o diálogo e a representatividade negra são abordadas, porém, não é problematizado o lugar do branco nessas relações, construções e identificações da identidade racial. No decorrer do texto apenas uma criança branca tem inserção no grupo, sendo rapidamente mencionada.

A ausência do branco nos espaços de debate e construção de conhecimento sobre as relações étnico-raciais é muito presente no Brasil, Bento (2003) aborda essa falta de reflexão do papel do branco nas relações étnico-raciais, evidenciando o termo Branqueamento como uma criação feita pela elite brasileira, onde seu grupo afirma que as desigualdades sociais são problema do negro, sendo o Outro, o que foge do humano universal e branco, o inferior, o diferente, o que precisa ser estudado e problematizado.

Portanto, a ausência das problematizações que colocam em cheque os privilégios da branquitude necessitam cada vez mais emergir, pois, como afirma a autora, “[...] este silêncio protege os interesses que estão em jogo” (BENTO, 2003, p. 3). Além deste importante debate, é possível perceber como as violências que permeiam o racismo afetam a autoestima de crianças, adolescentes, adultos e idosos negros e negras, como veremos em mais três excertos a seguir:

Quadro 8 - Excertos 20, 21 e 22

<p>Excerto 20</p> <p>Fonte: T1 (COUTINHO, 2019, p. 4)</p>	<p>Procede-se também à análise dos modos desiguais de inserção da população negra e branca no sistema educacional, buscando perceber se o estudante negro carrega o estigma de candidato à reprovação na sua trajetória escolar no Colégio Pedro II e como esse aluno, enquanto sujeito social e histórico, é capaz de ressignificar os usos sociais da linguagem e desestabilizar os cânones escolares através dos letramentos de reexistência.</p>
<p>Excerto 21</p> <p>Fonte: T3 (OLIVEIRA; FERREIRA, 2019, p. 141)</p>	<p>Outra pesquisa que relata o comportamento infantil no que se refere às questões raciais é mencionada por Dias e Bento (2012), a partir de um relato de experiência de uma professora em uma entrevista que conta que estava dando banho em um aluno negro, de dois anos, e outro aluno branco, de quatro anos, a observava. O menino branco, ao ser questionado porque olhava tanto o menino negro, questiona a professora o porquê de ele ser negro. Nesse diálogo, o aluno branco inclusive questiona se “arrancasse o courinho dele nasceria branco?” (DIAS; BENTO, 2012, p. 4). [...] A fala desse menino branco demonstra como o fato do outro ser negro desperta a sua curiosidade, e, portanto, é fundamental que o professor tenha entendimento de que esse comentário da criança necessita de esclarecimento para que ela possa refletir de maneira positiva sobre sua identidade racial e a do</p>

	outro.
Excerto 22 Fonte: T4 (SCHÄFER; FERREIRA, 2020, p. 3)	Tivemos como motivação a experiência com alunas (os) de seis anos, negros e negras, que ao ingressarem na escola já apresentam uma autoestima baixa com relação à identidade racial à qual pertencem. Em contrapartida, as crianças brancas, em muitas situações, assumiram atitudes preconceituosas, racistas e discriminatórias atribuindo caráter pejorativo à cor da pele negra. Infelizmente, há um grande número de profissionais da educação que não acreditam que as crianças possam reproduzir o racismo.”

Fonte: elaborado pela autora (2023).

É possível observar que no *Quadro 8*, os excertos 20, 21 e 22 apresentam aproximações referentes às desigualdades raciais e autoestima, também presentes nos excertos 18 e 19. Percebe-se como o padrão eurocêntrico impregnado pela branquitude traz consigo o racismo, a desvalorização estrutural e violenta contra o grupo que é racializado, neste caso o negro. A autoestima do branco é fortalecida pelo que Bento (2003) chama de *Pacto da Branquitude*, pacto este que não é verbalizado, mas é reproduzido, seja pela confiança nos seus iguais, seja pela valorização das características do grupo, da autoestima, do autoconceito, a presença em cargos de poder etc. Contudo, Bento (2003, p. 2) coloca:

O outro lado dessa moeda é o investimento na construção de um imaginário extremamente negativo sobre o negro, que solapa sua identidade racial, danifica sua auto-estima, culpa-o pela discriminação que sofre e, por fim, justifica as desigualdades raciais.

No Excerto 21, o relato de uma professora envolve um aluno negro de dois anos e outro aluno branco de quatro anos, em que a curiosidade do aluno branco sobre a pele do aluno negro é revelada em uma pergunta impactante: “*se arrancasse o courinho dele nasceria branco?*” (Excerto nº 21). Reflito na importância da dimensão corporal para crianças desde os primeiros anos de vida, onde a observação e percepção da criança sobre a diferença de afetividade do adulto com brancos e negros é evidente. Portanto desde os primeiros anos de vida, a criança já sente o impacto cruel da hierarquização racial, sendo necessário um trabalho antirracista desde a Educação Infantil com crianças de 0 a 5 anos, ajudando a enfrentar a sociedade racista em que vivemos e fazendo um trabalho que reflita em um passado de profundo orgulho.

A relação racial na sociedade é algo que desde o nascimento está presente na vida dos sujeitos, contudo quando se pensa Educação Infantil, é necessário refletir sobre a construção do imaginário social da criança, que desde os primeiros anos de vida observa e interpreta as informações refletidas na sociedade, onde os sujeitos que são racializados sendo os “*Outros*” e os

que detêm privilégios da brancura. Contudo, Cardoso (2018, p. 52) reflete:

Essas pesquisas estão apontando que a criança negra já na educação infantil conta com menos vantagens raciais do que a criança branca. Na maneira como se configura a educação das relações étnico-raciais nesses espaços a criança branca, também, tem muito a dizer. Elas estão apreendendo uma maneira de estar no mundo como um sujeito branco. Isso apontou a pesquisadora Teles (2010), às crianças brancas não tem sido dada a oportunidade de se constituírem questionando ideologias preconceituosas, pois vivenciam cotidianamente a violência dirigida aos seus pares não brancos e acabam por apreender a superioridade como herdeiros da brancura.

O ambiente escolar se torna um espaço de múltiplas vivências envolvendo as relações étnico-raciais, os excertos apresentados no *Quadro 9* é possível evidenciar que existem problematizações em torno do conceito de branquitude e a identidade racial do branco, como vemos a seguir:

Quadro 9 - Excertos 23 e 24

<p>Excerto 23</p> <p>Fonte: T7 (SANTOS; COLC, 2021, p. 45-46)</p>	<p>É, portanto, nesse jogo que a identidade se dá como processo, não produto, de afastamento, exclusão e marginalização de outros grupos. Nos interessa observar, a branquitude, identidade social do branco, como sendo um ponto de possibilidades de estudos sobre raça como construção sociorracial e política, uma categoria discursiva em torno da qual o racismo se organiza enquanto processo e produto, num sistema de poder socioeconômico, de exploração e exclusão (BENTO, 2002; SCHUCMAN, 2014). [...] Ao abordar a identidade, empregamos o conceito como sendo sociorracial, pois o indivíduo sempre será socialmente definido a partir da raça, podendo ser interseccionada com outros marcadores sociais, como gênero, sexualidade e classe social. Se transgênero, cisgênero, homem, mulher, não-binário, rico, pobre, ou qualquer outra nomenclatura que indique classe social, lésbica, gay, bissexual, travesti, queer, pansexual, intersexual etc, será uma vivência racializada na dinâmica social que estamos inseridos. Neste caso, ser branco, ser negro, ser indígena ou ser de outras raças é o ponto de partida, para análises.</p>
<p>Excerto 24</p> <p>Fonte: T8 (BRAÚNA; SOUZA; SOBRINHA, 2022, p. 7)</p>	<p>Diante disso, necessitamos pensar o branco como raça e debater essa raça como mantenedora do sistema racial. Faz parte do Letramento Racial ler a branquitude como um grupo racial que mantém privilégios a partir da opressão de outro grupo.[...] A luta contra o racismo é um compromisso político que deve ser assumido por agentes brancos e negros, pois “[...] para termos uma sociedade mais justa e igualitária, temos que mobilizar todas as identidades de raça branca e negra para refletir sobre raça e racismo e fazer um trabalho crítico no contexto escolar e em todas as disciplinas do currículo escolar” (FERREIRA, 2014, p. 250).</p>

	Isso implica enxergar o Letramento Racial como uma ferramenta de mudança das ações e pensamentos.
--	---

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Nos excertos do *Quadro 9* é possível observar a forma com que se problematiza a Branquitude, a identidade social do branco, os privilégios, a raça branca que se mantém por um sistema de exclusão e opressão. É notável em ambos excertos, um chamado para a reflexão e compromisso por uma sociedade mais crítica e justa, a partir das análises sobre o sistema racial. No Excerto 23 o conceito de interseccionalidade é evidenciado: “[...] o indivíduo sempre será socialmente definido a partir da raça, podendo ser interseccionada com outros marcadores sociais” (Excerto 23).

Na reflexão sobre sistema racial, dois termos que Grosfoguel (2012) define como “zona del ser” e “zona del no-ser” (GROSFOGUEL, 2012, p. 94) podem ser evidentes para compreensão da hierarquização racial, antes mesmo de se discutir os marcadores sociais que englobam a interseccionalidade. A “zona del ser” (GROSFOGUEL, 2012, p. 94) é definida pelo autor com os sujeitos racializados superiores que detém o privilégio racial. Contudo, a “zona del no-ser” (GROSFOGUEL, 2012, p. 94), os sujeitos racializados são inferiores, não possuem privilégios raciais e vivem a opressão racial.

As experiências de vida de pessoas brancas, negras e indígenas têm diferentes implicações a partir da hierarquização de raça, contudo individualmente cada sujeito permeia outras relações de dominação. Conforme o Excerto 23, a interseccionalidade, termo desenvolvido por Kimberlé Crenshaw (1991) onde a vida dos sujeitos, permeadas por suas identidades, sofrem uma colisão em diferentes opressões envolvendo classe social, sexualidade e gênero.

Foi possível observar que na categoria 3.3 *Diversidade Étnico-Racial* as problematizações sobre a branquitude são pouco evidentes, somente em 2 (dois) artigos selecionados. Existe reflexões, diálogos e representatividade negra nos excertos, porém não é problematizado os privilégios da branquitude em 6 (seis) trabalhos. É evidente observar nesta categoria como a construção da identidade racial e a interseccionalidade acontece desde os primeiros anos de vida.

3.4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Na categoria *Fundamentação Teórica* é abordado o tratamento e análise dos dados obtidos. A organização dessa análise de dados será discorrida em texto, perpassando temas como uso de referenciais teóricos-políticos, que dialogam ou não com o movimento social negro e seus

intelectuais, temas ligados à filosofia Afroperspectivista, em que as produções têm referências à afrocentricidade, ao quilombismo, ao perspectivismo ameríndio e à afrodiaspórica, comprometidas com o combate ao racismo (NOGUERA, 2019).

Ao fazer uma análise dos autores utilizados como fundamentação teórica dos artigos selecionados nesta pesquisa, notou-se que alguns referenciais teóricos são mais recorrentes do que outros. Foi criada uma tabela para organizar e apresentar as informações referentes aos principais autores utilizados nas fundamentações teóricas dos trabalhos analisados.

A *Tabela 5*, abaixo, sintetiza a análise que será feita nesta categoria, sua organização possibilita observar se os autores dialogam com o movimento social negro, a filosofia Afroperspectivista, a perspectivismo ameríndio, a afrocentricidade e os demais temas relacionados com as relações étnico-raciais e a educação (NOGUERA, 2019). A tabela foi organizada com o mesmo mecanismo utilizado anteriormente, com a letra T e o número correspondente do texto na Tabela 1, e a identificação, conforme as normas de referências da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), do título da obra utilizada.

Tabela 5 - Fundamentação teórica dos artigos selecionados

Referencial teórico	Quantidades de vezes citado nos textos analisados	Título da obra
Aparecida de Jesus Ferreira	7 vezes (T1; T2; T3; T4; T6; T7; T8)	<p>T1; T2; T3; T4: FERREIRA, A. J. Letramento racial crítico através de narrativas autobiográficas: com atividades reflexivas. Ponta Grossa: Estúdio Texto, 2015.</p> <p>T2: FERREIRA, A. J. Formação de Professores raça/etnia: reflexões e sugestões de materiais de ensino em português e inglês. 2.ed. Cascavel: Assoeste, 2006.</p> <p>T4; T6; T7: FERREIRA, A. J. Narrativas Autobiográficas de Professoras (es) de Línguas na Universidade: Letramento Racial Crítico e Teoria Racial Crítica. In: Ferreira, A. J. Narrativas Autobiográficas de Identidades Sociais de Raça, Gênero, Sexualidade e Classe em Estudos da Linguagem. Campinas, SP: Pontes Editora, 2015.</p> <p>T4: FERREIRA, A.J. As Bonecas Negras de Lara. Ilustrador: Élio Chaves. Ponta Grossa: ABC Projetos, 2017.</p> <p>T6; T7; T8: FERREIRA, A. J. Teoria racial</p>

		crítica e letramento racial crítico: narrativas e contranarrativas de identidade racial de professores de línguas. Revista da ABPN , v. 6, n. 14, p. 236-263, 2014.
Nilma Lino Gomes	5 vezes (T1; T2; T4; T5; T6)	<p>T1; T2: GOMES, N. L. O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.</p> <p>T4; T5: GOMES, N. L. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural? Revista Brasileira de Educação, n. 21, 2002.</p> <p>T5; T6: GOMES, N. L. <i>et al.</i> Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. <i>In</i>: MEC - Secad (Org.). Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal no. 10.639/2003 - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, 2005.</p> <p>T5: GOMES, N. L. Betina. Ilustrações de Denise Nascimento. Belo Horizonte: Mazza, 2009.</p> <p>GOMES, N. L. Diversidade étnico-racial e educação no contexto brasileiro: algumas reflexões. Um olhar além das fronteiras: educação e relações raciais. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.</p>
Paulo Freire	4 vezes (T1; T2; T6; T8)	<p>T1; T2: FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016/2019.</p> <p>T6; T8: FREIRE, Paulo. Educação como Prática da Liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.</p> <p>T8: FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 44. ed. São Paulo: Cortez, 2003.</p>
Eliane Cavalleiro	4 vezes (T2; T3; T4; T8)	<p>T2; T8: CAVALLEIRO, E. dos S. Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. São Paulo: Contexto, 2003/2020.</p> <p>T3: CAVALLEIRO, E. dos S. Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998.</p> <p>T4: CAVALLEIRO, E. dos S.; GOMES, J. V.</p>

		Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. São Paulo: Contexto, 1998.
Stuart Hall	3 vezes (T1; T5; T7)	T1: HALL, S. A. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. T1: HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2000. T5: HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução: Tomáz Tadeu da Silva e Guaciara Lopes Louro. 12 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019. T7: HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução: Tomáz Tadeu da Silva e Guaciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
Gloria Ladson-Billings	2 vezes (T5; T7)	T5; T7: WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. <i>In:</i> SILVA, T. T. da. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. 15. ed. Editora Vozes: Petrópolis, 2019/2014.
Kimberlé Crenshaw	2 vezes (T2; T7)	T2: CRENSHAW, K. A interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero. 1. ed. Relações Raciais, 2012. T7: CRENSHAW, K. Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero. Revista Estudos Feministas , Ano 10 (1). Florianópolis, 2002.

Fonte: elaborado pela autora (2023).

A autora Aparecida de Jesus Ferreira, é mencionada em 7 (sete) artigos, sendo possível observar que as temáticas se concentram entre o Letramento Racial Crítico, narrativas autobiográficas e formação de professores. De acordo com a Plataforma Lattes, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)¹², Aparecida de Jesus Ferreira¹³ pesquisa sobre o letramento racial crítico, os processos de construção de identidades sociais de professores de línguas e de identidades sociais raça e gênero (CNPQ, 2023a).

É notável que as pesquisas de Ferreira tenha grande relevância nos artigos analisados, dentre

¹² Disponível em: <https://lattes.cnpq.br/>. Acesso em: 08 dez. 2023.

¹³ Possui pós-doutorado e doutorado em Educação de Professores e Linguística Aplicada, pela Universidade de Londres (Inglaterra), tendo experiência na área de Linguística Aplicada, “com ênfase em Formação de Professoras/es, atuando principalmente nos seguintes temas: formação de professoras/es de Línguas, prática de ensino de língua inglesa, ensino e aprendizagem de línguas adicionais, análise e desenvolvimento de materiais de ensino, análise de livro didático” (CNPQ, 2023a, s. p).

a totalidade de 8 (oito) artigos selecionados nesta pesquisa, ela é mencionada em 7 (sete). Sua atuação é voltada ao campo da Linguística e Cursos de Línguas, mas esta análise evidenciou a importância da temática para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental em diferentes componentes curriculares. A autora também faz relações entre a Teoria Racial Crítica (*Critical Race Theory*) e o Letramento Racial Crítico, com contribuições voltadas à formação de professores para uma atuação Antirracista, Decolonial, baseadas nos princípios da teoria. A pesquisadora traz traduções da Teoria Racial Crítica (*Critical Race Theory*), de origem estadunidense, evidenciando sua relevância no campo acadêmico, visto que, essa teoria possui poucas traduções para a Língua Brasileira. Desta forma, Aparecida de Jesus Ferreira é uma referência para a temática do Letramento Racial Crítico, sendo uma ótima autora para se pensar prática docente na perspectiva afroperspectivista (NOGUERA, 2019) e a Educação para as Relações Étnico-Raciais.

A pesquisadora Nilma Lino Gomes é mencionada em 5 (cinco) artigos. Notou-se que as temáticas das obras da autora envolvem a luta de educadores tendo como eixo as relações étnico-raciais, a identidade e diversidade étnico-racial e a educação. Nilma Lino Gomes¹⁴, investiga nas áreas de

[...] diversidade, cultura e educação, relações étnico-raciais e educação, formação de professores e diversidade étnico-racial, direitos humanos, políticas educacionais, desigualdades sociais e raciais, movimentos sociais e educação, com ênfase especial na atuação do movimento negro brasileiro (CNPQ, 2023c, s. p.).

Com uma grande trajetória nos movimentos sociais negros, Gomes integrando diversos espaços de luta. A pesquisadora traz importantes contribuições para o campo da educação em sua obra *O movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação* (GOMES, 2017), envolvendo a importância da trajetória dos movimentos sociais negros, pensando a escola, os sujeitos, as teorias educacionais e a construção de uma educação a partir da descolonização dos currículos. Portanto, a pertinência dos trabalhos da autora para as pesquisas no campo das relações étnico-raciais e educação é evidente, por ser uma intelectual de referência na área e pela sua potência.

Outro referencial teórico utilizado de maneira significativa nos artigos é o autor Paulo

¹⁴ Pós-doutora em Sociologia, pela Universidade de Coimbra, Pós-doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos e Doutora em Antropologia Social, pela Universidade de São Paulo. A pesquisadora “integra o corpo docente permanente da pós-graduação em Educação Conhecimento e Inclusão Social -FAE/UFMG. [...] Integrou a Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação (gestão 2010 a 2014). Foi reitora Pró-Tempore da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB (2013-2014). Foi Ministra da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial - SEPPPIR - (2015) e do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial, da Juventude e dos Direitos Humanos (2015-2016) do governo da presidenta Dilma Rousseff. É membro da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), Associação Brasileira de Antropologia (ABA), Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN) Associação Nacional de Política e Administração da Educação (ANPAE) e Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SPBC)” (CNPQ, 2023c, s. p.).

Freire, sendo referenciado em 4 (quatro) artigos. Autor bastante conhecido na área educacional, foi um referencial teórico durante toda minha trajetória acadêmica. Observou-se que duas obras do autor são mais utilizadas, sendo elas: *Educação como Prática da Liberdade* (1989) e *Pedagogia do Oprimido* (2014).

Paulo Freire dispensa apresentações, o pesquisador é reconhecido e referenciado internacionalmente, sendo exaltado por tratar a educação popular como uma ferramenta potente para a transformação social. Não ocorre sem uma razão que em tempos de golpe e fascismo tentam retirar o seu título de Patrono da Educação Brasileira e depreciar seu pensamento crítico e desvalorizar suas obras.

As obras freireanas utilizadas nos artigos analisados retratam a pertinência do pensamento emancipador para a área da educação nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e para a Educação para as Relações Étnico-Raciais; mesmo que o autor não mencione diretamente concepções voltadas a raça, suas obras compreendem o sujeito como um todo, envolvendo a conscientização dos educandos, suas histórias e seu lugar social. Suas obras aproximam a importância e o desafio de uma prática docente que seja transformadora e emancipatória, sendo uma referência para autoras como Bell Hooks (2013) e Nilma Lino Gomes (2017).

Ainda dentre os referenciais teóricos mais citados, Eliane dos Santos Cavalleiro¹⁵ é mencionada em 4 (quatro) artigos, em todos com a mesma obra. A pesquisa da autora, citada nos quatro artigos, foi desenvolvida durante sua formação no Mestrado em Educação, pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, e posteriormente foi publicada em formato de livro.

A pesquisa desenvolvida por Cavalleiro evidencia a discriminação racial na Educação Infantil (CNPQ, 2023b), obra muito importante para o campo educacional por se tratar de uma pesquisa de campo voltada a observação da prática docente e de crianças de quatro a seis anos. Os relatos apresentados em sua obra deixam explícitas as marcas que perpassam o racismo na educação, sobretudo pensando em crianças pequenas que historicamente não são vistas como sujeitos e precisam estar sempre respondendo às expectativas do adulto. Sua pesquisa se realiza no campo da educação infantil, entretanto é referenciada em artigos que são voltados aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Nesta categoria foi possível observar que dos quatro autores mais utilizados como referenciais teóricos, três são mulheres negras que dialogam com o movimento social negro e pesquisam na área das relações étnico-raciais e educação. Dos autores, somente um é homem

¹⁵ Doutora em Educação pela Faculdade de Educação, da Universidade de São Paulo. “Atualmente é docente na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, tutora do grupo PET-Educação, do Programa de Educação Tutorial da Faculdade de Educação da UNB e presidente da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as - ABPN. Foi professora visitante na San Francisco State University, no Cesar Chavez Institute (2011-2012), e na *Stanford University*, no *Center for Latin American Studies* (2017-2018)” (CNPQ, 2023b, s. p.).

branco, muito influente no campo educacional, Freire não avançava no campo interseccional naquele contexto, mas possibilitou que a partir de suas obras se buscasse ampliar debates da educação antirracista, tendo autoras que utilizam o autor como referência em seus trabalhos, sendo também referências na área da Educação para as Relações Étnico-Raciais. Acredito que as interseccionalidades entrelaçam as identidades, mobilizam interesses pela temática e pela pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da pesquisa, através do caminho metodológico do tipo *Estado do Conhecimento* (ROMANOWSKI; ENS, 2006), foi feita a busca por artigos de revisão com a expressão “Letramento racial crítico”, e foram selecionados 77 artigos com o foco de estudo em diferentes componentes curriculares e áreas do conhecimento. Pelo reduzido tempo para produção desta monografia, foram selecionados 8 artigos a partir do foco temático no Ensino Fundamental I, e Identidades sociais e de raça.

Ademais, a variação temporal dos trabalhos acadêmicos encontrados na plataforma do *Google Acadêmico* chama a atenção, visto que, apesar do recorte temporal desta pesquisa ser de 2015 a 2022, como indicado na *Tabela 2*, as publicações selecionadas variam do período de 2019 a 2022. Esta maior produção a partir do ano de 2019 levantou questionamentos sobre como o tema desenvolveu importância para a área da educação, sobretudo para os estudos na área da Educação para as Relações Étnico-Raciais a partir deste ano. Analiso que a força motriz para esta produção pode estar relacionada tanto com as mudanças e problemas políticos da gestão presencial de 1 de janeiro de 2019 à 01 de janeiro de 2023, influenciando o surgimento de problematizações acerca da temática, como com as ações afirmativas, que promovem a participação de grupos discriminados em universidade e pesquisas científicas.

A análise dos dados foi subsidiada pela *Análise de Conteúdo* (BARDIN, 2016), divididas em fases: pré-análise, exploração do material ou descrição analítica e tratamento dos resultados obtidos. As categorias que permearam a exploração e tratamento dos dados foram divididos e analisados em subtítulos: a) Letramento Racial Crítico; b) Prática Docente; c) Diversidade Étnico-Racial; d) Fundamentação Teórica.

A partir dos resultados obtidos na análise da categoria *Letramento Racial Crítico*, foi possível observar como os conhecimentos científicos avançaram sobre a temática, tendo como foco os Anos Iniciais do Ensino Fundamental. As pesquisas mostram que no resultado de 77 (setenta e sete) artigos referidos pela busca “Letramento Racial Crítico” apenas 5 (cinco) se referem especificamente para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, conforme *Tabela 1*. Sendo possível reconhecer que ainda há poucos trabalhos com enfoque nos Anos iniciais do Ensino Fundamental.

Na categoria *Prática Docente* as estratégias pedagógicas são identificadas como: pedagogia emancipatória, a pedagogia dos multiletramentos e problematizada a educação brancocêntrica. A importância das narrativas autobiográficas como instrumento de análise utilizada pelos professores. Foi possível identificar que as estratégias pedagógicas envolvem uma prática emancipatória, crítica e antirracista.

Foi possível mapear a *Diversidade Étnico-Racial* apresentada, onde há pouca evidência da apresentação do grupo racial branco nas pesquisas e problematizações envolvendo a branquitude. O grupo racial negro é nomeado nas pesquisas com reflexões sobre representatividade, construção da idade racial e as interseccionalidades.

Por fim, na categoria de *Fundamentação Teórica* foi possível reconhecer os referenciais teóricos mais utilizados nas pesquisas analisadas, sendo as autoras Aparecida de Jesus Ferreira, Nilma Lino Gomes e Eliane dos Santos Cavalleiro, que possuem trajetórias envolvendo o universo político do movimento social negro; e o autor Paulo Freire, Patrono da Educação no Brasil, com pesquisas comprometidas com a educação, o processo de conscientização, criticidade e emancipação dos sujeitos.

Portanto, volto a questão norteadora desta pesquisa: como a produção acadêmico-científica nacional concebe e orienta o Letramento Racial Crítico sob a perspectiva antirracista na promoção da Educação para as Relações Étnico-Raciais nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental? Imersa na leitura e estudo das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (Parecer SCNE/CP 03/2004)¹⁶, a Lei nº 10.639/2003¹⁷ e a Lei nº 11.645/2008¹⁸, concluo, a partir dos resultados desta pesquisa, que o Letramento Racial Crítico é um instrumento de mobilização para se discutir, amparar e afetar os conceitos que perpassam a construção identitária racial das crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

A prática docente voltada para a perspectiva de um Letramento Racial Crítico, discute no ambiente escolar os privilégios da branquitude, a história e cultura africana, afro-brasileira. Aproxima uma educação transformadora e mobiliza um espaço de valorização dos grupos que foram historicamente discriminados até os dias atuais. Igualmente, permeia caminhos de construções de conceitos psíquicos nesta idade escolar que saí da Educação Infantil e vai para os Anos Iniciais, onde a mediação do professor contribui para formação de pensamentos teóricos.

Ademais, ao refletir no impacto do Letramento Racial Crítico para crianças, faço uma ligação com o que Paulo Freire (1989) afirma: “A leitura de mundo precede a leitura da palavra”. Nos anos iniciais especificamente, o movimento do aprender a ler e escrever é apontado pelo autor como um momento que deve vir depois do movimento de leitura de mundo, da sua realidade, experienciado criticamente através do professor que problematiza. Pensando em uma Educação

¹⁶ Disponível em: https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_003.pdf?query=etnico%20racial. Acesso em: 19 nov. 2023.

¹⁷ Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 11 ago. 2023.

¹⁸ Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm. Acesso em: 11 ago. 2023.

Decolonial e para as Relações Étnico-Raciais, “a leitura de mundo” (FREIRE, 1989) se une com o debate sobre branquitude, raça, racismo, cultura e identidades raciais.

Desta forma, quando uma criança dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental faz a “leitura de mundo” (FREIRE, 1989), acompanhada por um Letramento Racial Crítico oportunizado por docentes, ocorre uma grande transformação social, individual e coletiva entre os pares, posteriormente em suas famílias e na sociedade. Por fim, os resultados obtidos indicam novas possibilidades de pesquisa sobre a Educação para as Relações Étnico-Raciais para os Anos Iniciais, visto que, pesquisas sobre as relações étnico-raciais ainda estão avançando a passos lentos no campo da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz. **O que é racismo estrutural**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BENTO, Maria Aparecida. **Branqueamento e Branquitude no Brasil**. In: Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil / Iray Carone, Maria Aparecida Silva Bento (Organizadoras) Petrópolis, RJ: Vozes, 2003, p. 25-58. Disponível em: <https://ria.ufrn.br/jspui/handle/123456789/1940>. Acesso em: 19 nov. 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CP 003/2004, de 10 de março de 2004**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cnecp_003.pdf. Acesso em: 19 nov. 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=10639&ano=2003&ato=431MTTq10dRpWTbf4>. Acesso em: 19 nov. 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm. Acesso em: 19 nov. 2023.
- CANDAU, Vera Maria. Diferenças Culturais, Interculturalidade e Educação em Direitos Humanos. Educação & Sociedade, v. 33, p. 235-250, Campinas/SP, 2012.
- CARDOSO, Cintia. **Branquitude na Educação Infantil**: Um estudo sobre a educação das relações étnico-raciais em uma unidade educativa do município de Florianópolis. Orientador: Lucimar Rosa Dias, 2018. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba 2018. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/58134>. Acesso em: 29 out. 2022.
- CNPQ. **Plataforma Lattes**, 2023a. Aparecida de Jesus Ferreira. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/2238891866036822>. Acesso em: 08 dez. 2023.
- CNPQ. **Plataforma Lattes**, 2023b. Eliane dos Santos Cavalleiro. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/0800927559208980>. Acesso em: 08 dez. 2023.
- CNPQ. **Plataforma Lattes**, 2023c. Nilma Lino Gomes. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/7444449891704854>. Acesso em: 08 dez. 2023.
- CRENSHAW, Kimberlé. **Mapeando as margens: interseccionalidade, políticas de identidade e**

violência contra mulheres não-brancas. Tradução de Carol Correia, 1991. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/mapeando-as-margens-interseccionalidade-politicas-de-identidade-e-violencia-contra-mulheres-nao-brancas-de-kimberle-crenshaw%e2%80%8a-%e2%80%8a-1-4/> Acesso em: 20 nov. 2023.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. **Letramento racial crítico através de narrativas autobiográficas:** com atividades reflexivas. Paraná: Editora Estúdio Texto, 2019.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. **Teoria Racial Crítica e Letramento Racial Crítico:** Narrativas e contranarrativas de identidade racial de professores de línguas. Revista da ABPN, v.6, n.14, p. 236-263, 2014.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 23.ed. São Paulo: Cortez, 1921. Disponível em: https://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2014/10/importancia_ato_ler.pdf Acesso em: 10 nov. 2023.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 58ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GOMES, Nilma Lino. **Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos.** Currículo sem Fronteiras, v.12, n.1, p. 98-109, 2012.

GOMES, N. L. **O movimento negro educador:** saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GROSGOUEL, Ramón. **El concepto de "Racismo" en Michel Foucault y Frantz Fanon:** ¿teorizar desde la zona del ser o desde la zona del no-ser? Tabula Rasa. Bogotá, N°16; 79-12, Colombia, 2012.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir:** a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

JOSÉ CARLOS LIBÂNIO NO SINPRO-SP. **Palestra "Práticas de ensino em um contexto de mudanças".** São Paulo, 2010. 1 vídeo (110 min 42 seg). Publicado pelo canal SINPROSP. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AcZEWkA8--E&t=1016s>. Acesso em: 08 dez. 2023.

LADSON-BILLINGS, G.; TATE, W. **Towards a critical race theory of education.** Teachers College Record, v. 97, n. 1, p. 47-67, 1995.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. Disponível em: https://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india/view. Acesso 20 ago. 2023.

LORO, A. P.; DE SOUZA, F. B. **História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na formação inicial de professoras(es) de Pedagogia.** Retratos da Escola, [S. l.], v. 15, n. 32, p. 537–549, 2021. DOI: 10.22420/rde.v15i32.1132. Disponível em: <https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/1132>. Acesso em: 11 ago. 2023.

MARTINS, L. M.; ABRANTES, A. A.; FACCI, M. G. D. (Org.). **Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico: do nascimento à velhice**. Campinas: Autores Associados, 2016.

MILNER, H. R.; HOWARD, T. C. **Counter-narrative as method: race, policy and research for teacher education**. In: *Race Ethnicity and Education*, 16:4, p. 536-56, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação (PENESB). Rio de Janeiro; 2003. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoes-de-raca-racismo-dentidade-e-etnia.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2023.

NOGUERA, Renato; DUARTE, Valter; RIBEIRO, Marcelo dos Santos. **Afroperspectividade no ensino de filosofia: possibilidades da Lei 10.639/03 diante do desinteresse e do racismo epistêmico**. *O que nos faz pensar*. v.28, n.45, p. 434-451. 2019. Disponível em: <http://oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/index.php/oqfnfp/article/view/693>. Acesso em: 10 ago. 2023.

PERES, C.M.; VIEIRA, M.N.C.M.; ALTAFIM, E.R.P.; DE MELLO, M.B; SUEN, K.S. **Abordagens pedagógicas e sua relação com as teorias de aprendizagem**. *Medicina, Ribeirão Preto*, v.3, n.47, p.249-255, 2014

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. **As pesquisas denominadas do tipo “Estado da Arte” em Educação**. *Diálogo Educ.*, Curitiba, v. 6, n. 19, p. 37-50, 2006. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1981-416x2006000300004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 12 ago. 2023.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulista**. 2012. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-21052012-154521/publico/schucman_corrigida.pdf. Acesso em: 08 dez. 2023.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: A pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Editora Atlas S.A, 1987.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL. **Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia - Licenciatura**. 2019. Disponível em: <https://www.uffs.edu.br/atos-normativos/ppc/cclpch/2019-0002>. Acesso em: 11 ago. 2023.

APÊNDICE A - Trabalhos encontrados categorizados por áreas de conhecimento

	Ano da publicação	Autores	Título do trabalho	Área temática da Revista/Anais	Foco temático do estudo
1	2015	Susana Aparecida Ferreira	Percepções acerca de identidades sociais de raça de professores de língua inglesa após uma oficina de formação continuada	Estudos da Linguagem [Revista <i>Muitas Vozes</i>]	Formação continuada de Língua Inglesa
2	2015	Susana Aparecida Ferreira; Aparecida de Jesus Ferreira	Identidades sociais de raça e formação continuada de professores de língua inglesa	Sociedade, Estado e Educação [Revista <i>Educere Et Educare</i>]	Formação de Professores de Língua Inglesa
3	2015	Glenda Cristina Valim de Melo	O lugar da raça na sala de aula de Inglês	Relações raciais [Revista <i>da Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as) - ABPN</i>]	Ensino da Língua Inglesa
4	2017	Shirlene Bemfica de Oliveira	Por que estamos falando sobre nossos cabelos? Representações sociais de alunos do ensino médio técnico sobre a transição capilar	Estudos de Gênero e luta feminista [Seminário <i>Internacional Fazendo Gênero 11, a 13ª edição Women's Worlds</i>]	Ensino Língua Inglesa no Ensino Médio

				<i>Congress]</i>	
5	2018	Aparecida de Jesus Ferreira; Rosana Aparecida Ribeiro de Sene	O que as pesquisas recentes revelam acerca das identidades de gênero, de raça e de sexualidade nas aulas de língua inglesa	Estudos de Linguagem [Revista <i>Polifonia - Estudos da Linguagem]</i>	Ensino da Língua Inglesa
6	2018	Gianmarco Loures Ferreira; Marcos Vinícius Lustosa Queiroz	A trajetória da Teoria Crítica da Raça: história, conceitos e reflexões para pensar o Brasil	Teoria Jurídica [Revista <i>Teoria Jurídica Contemporânea]</i>	Relações étnico-raciais
7	2018	Daiane Franciele Morais de Quadros	A abordagem do papel das práticas de letramentos na construção de identidades na sala de aula: um olhar para a discussão sobre raça e etnia na formação de professores	Estudos literários e linguísticos [Revista <i>UNILETRAS]</i>	Formação de professores de Línguas
8	2018	Rosana Aparecida Ribeiro de Sene; Aparecida de Jesus Ferreira	Identidades raciais nas aulas de línguas e intersecção com gênero e sexualidade: discursos produzidos por alunas/os	Relações raciais [<i>Revista da ABPN]</i>	Ensino da Língua Inglesa
9	2018	Rosana Ap. R. de Sene; Aparecida de Jesus	Identidades de gênero nas aulas de língua inglesa “acorda	Estudos literários e linguísticos [Revista	Ensino da Língua Inglesa no Ensino Médio

		Ferreira	Raimundo”	<i>Linguagem: Estudos e Pesquisas]</i>	
10	2019	Gabriela dos Santos Coutinho	Letramento Racial Crítico nos Anos Iniciais do Colégio Pedro II: narrativas docentes sobre práticas pedagógicas de reexistência	Relações raciais [<i>III Copene Sudeste]</i>	Ensino Fundamental I
11	2019	Daniel de Mello Ferraz; Thalita Cunha Rezende Massini	Relações étnico-raciais e educação linguística em língua inglesa: por uma educação não envenenada	Educação, Filosofia, Letras e Ciências Humanas [<i>Revista Olhares]</i>	Linguística Aplicada e Língua Inglesa
12	2019	Aparecida de Jesus Ferreira; Cássio Murilo Lourenço Gomes	Letramento Racial Crítico: falta representatividade negra em materiais didáticos e na mídia	Estudos literários e linguísticos [<i>Revista UNILETRAS]</i>	Relações Étnico-Raciais
13	2019	Cristina Cristo Alcântara do Nascimento	Juventude negra e literatura: por um erguer de vozes em sala de aula	Crítica Cultural [<i>Anais do Seminário Interdisciplinar de Pesquisa - SIP/Seminário Interlinhas]</i>	Ensino de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II
14	2019	Carolina Angélica Ferreira Netto	Letramento para as relações étnico-raciais e formação de	Temas africanos, afro-brasileiros e afro-latinos	Formação de professores

			professores	[<i>Revista África e Africanidades</i>]	
15	2019	Carolina Angélica Ferreira Netto; Talita de Oliveira	Por uma educação antirracista: Teatro do Oprimido, Letramento Étnico-Racial e a transformação social de meninas negras	Educação, Cultura, Linguagem e Arte [<i>Revista Travessias</i>]	Ensino Fundamental I
16	2019	Keila de Oliveira; Aparecida de Jesus Ferreira	Narrativas autobiográficas: o que dizem professoras da rede municipal de Ponta Grossa sobre um ensino que promova o Letramento Racial Crítico	Estudos literários e linguísticos [<i>Revista UNILETRAS</i>]	Ensino Fundamental I
17	2019	Míria Gomes de Oliveira; Maria Marlete de Souza	A escrita autobiográfica feminina na Educação de Jovens e Adultos da UFMG: subjetividade e memória	Educação, Cultura, Linguagem e Arte [<i>Revista Travessias</i>]	Educação de Jovens e Adultos (EJA)
18	2019	Ariovaldo Lopes Pereira; Simeir Silva Pereira de Lacerda	Letramento Racial Crítico: uma narrativa autobiográfica	Educação, Cultura, Linguagem e Arte [<i>Revista Travessias</i>]	Identidades sociais e de raça
19	2019	Daniela dos Santos Silva; Lúcia Maria de Assunção Barbosa	Contribuições possíveis do ensino de Espanhol como língua estrangeira (ELE) para o tratamento da questão da	Estudos literários e linguísticos [<i>Revista UNILETRAS</i>]	Ensino da Língua Espanhola

			diversidade racial		
20	2019	Marivete Souta; Ione da Silva Jovino	Letramento Racial e educação antirracista nas aulas de Língua Portuguesa	Estudos literários e linguísticos [<i>Revista UNILETRAS</i>]	Ensino de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II
21	2019	Junia Claudia Santana de Mattos Zaidan	Um letramento (no) singular: a retomada da agenda revolucionária em tempos de educação ultraliberal	Linguística Aplicada [<i>Revista Trabalhos em Linguística Aplicada</i>]	Linguística Aplicada
22	2020	Carlos Henrique de Brito Furquim	O ensino de literatura negra nas aulas de Língua Portuguesa: (re)pensando o currículo e o papel do professor através da Linguística Aplicada Transgressiva	Arte, Cultura, História, Patrimônio, Educação e uso de Tecnologias digitais [<i>Revista MESCLA</i>]	Ensino de Língua Portuguesa
23	2020	Sabrina Aparecida Gonçalves; Tania Regina de Souza Romero; Márcia Fonseca de Amorim	Autobiografia docente: o percurso da construção da identidade étnico-racial na formação de uma professora	Educação, Cultura, Linguagem e Arte [<i>Revista Travessias</i>]	Formação de professores
24	2020	Cláudia Simone dos Santos Oliveira;	Toma que o espelho é seu!: artes cênicas e psico/vida em	Letras, Linguística, Linguística Aplicada,	Linguística Aplicada

		Elisângela de Jesus Santos; Talita de Oliveira	narrativas pessoais de cor/pas negras	Literatura e Práticas Culturais [Revista <i>Raído</i>]	
25	2020	Keila de Oliveira; Aparecida de Jesus Ferreira	Literatura Infantil como meio articulador do Letramento Racial Crítico em sala de aula	Linguística Aplicada [Revista <i>Linguagem em Foco</i>]	Literatura Infantil
26	2020	Diego dos Santos Reis; Maria da Glória Calado	Diálogos possíveis entre educação antirracista e decolonial: vozes insurgentes, pedagogias críticas e a Lei 10.639/03	Educação Básica [Revista <i>Cadernos do Aplicação</i>]	Formação de professores e legislação antirracista
27	2020	Samantha Schäfer; Aparecida de Jesus Ferreira	África e Brasil: saberes dos povos em prol do Letramento Racial Crítico	Estudos de Linguagem [Revista <i>Interdisciplinar em Estudos de Linguagem - RIEL</i>]	Ensino Fundamental I
28	2021	Marco Antonio Lima do Bonfim	Por uma epistemologia decolonial em perspectiva afrodiaspórica e contra-colonial na Linguística Aplicada Brasileira	Estudos Literários e Estudos Linguísticos [Revista <i>Línguas & Letras</i>]	Linguística Aplicada
29	2021	Thais Regina Santos	Branquitude e epistemologia	Linguística Aplicada	Linguística Aplicada

		Borges	antirracista: por uma linguística aplicada efetivamente crítica	[Revista <i>Trabalhos em Linguística Aplicada</i>]	
30	2021	Larissa de Pinho Cavalcanti; Janaina de Lima Ferreira	Crônicas brasileiras e o ensino antirracista de língua portuguesa no Sertão de Pernambuco	Ciências das Linguagens [Revista <i>Letras Raras - RLR</i>]	Formação de professores de Língua Portuguesa
31	2021	Patrícia Helena da Silva Costa; Raquel de Almeida Rodrigues	Crítico “Pero no mucho”: problematizando a abordagem de questões identitárias em uma unidade de um livro didático de Inglês para o Ensino Médio	Linguística Aplicada [Revista <i>Trabalhos em Linguística Aplicada</i>]	Ensino da Língua Inglesa no Ensino Médio
32	2021	Helena Maria Ferreira; Elivan Aparecida Ribeiro; Taísa Rita Ragi	A representatividade de gênero e raça: uma breve análise por intermédio de recurso audiovisual	Gênero, ciência e tecnologia [Revista <i>Cadernos de Gênero e Tecnologia</i>]	Ensino de Língua Portuguesa
33	2021	Eduardo Oliveira de Araújo Henriques.	O lugar do negro no livro didático de Português: representações étnicas no Ensino de língua	Educação Básica [Revista <i>Sobre Tudo</i>]	Ensino de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II
34	2021	Marciele Neres de Jesus; Dinalva de Jesus Santana Macêdo	Literatura infantil: valorizando a cultura afro-brasileira	Políticas Públicas, Gestão e Práxis Educacional [Seminário <i>Gepráxis</i>]	Ensino Fundamental I e Educação Infantil
35	2021	Geilson Batista Matias;	A produção sobre o tema	Ciências Humanas,	Formação de professores de

		Selva Guimarães	Relações Étnico-Raciais em cursos de licenciatura em Letras: um olhar sobre a literatura negro-brasileira na pesquisa acadêmica - um inventário	Ciências Sociais, Ciências Naturais e Ciências Sociais Aplicadas [Revista <i>Ivy Enber Scientific Journal</i> - IES]	Língua Portuguesa
36	2021	Gabriel Nascimento	Racismo linguístico é sobre palavras? um prefácio	Gramática e Linguística [Revista <i>Lingu@ Nostr@</i>]	Língua Portuguesa
37	2021	Alyandra Gomes Nunes; Clebemilton Gomes do Nascimento; Sally Cheryl Inkpin	Experiências que fazem a diferença: práticas crítico-formativas no curso de Licenciatura em Letras, Língua Inglesa e Literaturas do Campus V da UNEB	Formação de professores e professoras [Revista <i>Multidisciplinar do Núcleo de Pesquisa e Extensão</i> - RevNUPE]	Formação de professores de Línguas
38	2021	Anita Loureiro de Oliveira	Corpo, espacialidade e maternagem: trilhas para uma geografia corporificada	Temática geográfica [Revista da <i>Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia</i> - ANPEGE]	Geografia
39	2021	Gabriela da Silva Pires; Hilen Pulinho Alves; Rafael Macário Fernandes	Representatividade importa: um relato de experiência sobre o PIBID e as contribuições do	Ensino e Educação [Revista <i>Ponto de Vista</i>]	Ensino da Língua Inglesa

			letramento racial crítico para o ensino de inglês		
40	2021	Anderson Lins Rodrigues; José Lucas Campos Antunes dos Santos	Construindo saberes e compartilhando experiências em Português Brasileiro como Língua Estrangeira	Estudos da Linguagem [Revista <i>Entretextos</i>]	Português Brasileiro como Língua Estrangeira
41	2021	Cecilia Gusson Santos; James Rios de Oliveira Santos; Michele Salles El Kadri	Letramento Racial Crítico na construção da Educação Antirracista nas aulas de Língua Inglesa da Educação Básica	Estudos da Linguagem [Revista <i>Entretextos</i>]	Ensino da Língua Inglesa
42	2021	Joelma Silva Santos	Formação de professores de Inglês para abordagem de questões étnico-raciais: práticas planejadas e práticas manifestas	Linguística Aplicada [Revista <i>Trabalhos em Linguística Aplicada</i>]	Formação de professores de Língua Inglesa
43	2021	Nicolas de Oliveira Santos; Gabriel Nascimento; Maria D’Ajuda Alomba Ribeiro	Nexos de internacionalização e Língua Inglesa à luz do paradigma do racismo epistêmico: o caso do future-se	Linguística e Letras [Revista <i>X</i>]	Ensino da Língua Inglesa
44	2021	Samantha Schäfer; Aparecida de Jesus Ferreira	Repensar a literatura infantil com a perspectiva da Teoria Racial Crítica: análise do livro	Relações raciais [Revista <i>da ABPN</i>]	Literatura Infantil

			as Bonecas negras de Lara		
45	2021	Thiago Teixeira; Thaís Luz	Alterocídio e necropolítica: análises sobre as políticas de extermínio em Achille Mbembe	Filosofia [Revista <i>Sapere Aude</i>]	Relações Étnico-Raciais
46	2021	Renata Trindade Severo	Letramento Racial e técnicas de si	Linguística Teórica e Linguística Aplicada [Revista <i>Fórum Linguístico</i>]	Estudos Linguísticos
47	2021	Leonardo da Silva; Priscila Fabiane Farias	A literatura de mulheres negras como direito humano: reflexões sobre o desenvolvimento da consciência crítica no contexto de um projeto de extensão para mulheres em privação de liberdade	Linguística Aplicada [Revista <i>Trabalhos em Linguística Aplicada</i>]	Mulheres em privação de liberdade
48	2021	Paulo Vinícius Baptista da Silva; Rita de Cássia Moser Alcaraz	Letramento Literário Crítico Racial e políticas de leitura na Educação Infantil em Curitiba	Educação [Revista da <i>FAEEBA - Educação e Contemporaneidade</i>]	Educação Infantil
49	2021	Fabiana Pomin; Samira dos Santos Ramos; Isabel Oliveira de Souza; Maria	A influência da aparência da mulher preta jovem na inserção do mercado laboral: avanços e	Letras e Humanidades [Revista <i>Alembra</i>]	Mercado de trabalho

		Oracilda Valadão Carvalho	silenciamento		
50	2021	Camila Leopoldina Batista dos Santos	Por um quadro conceitual dos processos de construção da identidade racial	Letras [Revista <i>Caderno de Letras</i>]	Identidades sociais e de raça
51	2021	Eric Silva dos Santos; Kelvin Tadeu Russi Colc	Bichas pretas e o Letramento Racial Crítico - devires em sala de aula	Linguística [<i>Mandinga - Revista de Estudos Linguísticos</i>]	Identidades sociais e de raça
52	2021	Fernando Guimarães Tavares; Fernanda Franco Tiraboschi	A cultura pop na perspectiva dos letramentos <i>queer</i> no ensino de Língua Inglesa	Educação contemporânea [Revista Acadêmica <i>Educação e Cultura em Debate</i>]	Ensino da Língua Inglesa
53	2022	Jaqueline Garcia Cavalheiro Almeida; Jefferson Olivatto da Silva; Maria Denise Dias; Tauana Aparecida de Oliveira	O pertencimento negro na literatura afro-brasileira: um olhar para crianças negras como protagonistas	Políticas Educacionais e Experiências Interdisciplinares na Educação [<i>VI Jornada Ibero-Americana de Pesquisas em Políticas Educacionais e Experiências Interdisciplinares na Educação</i>]	Literatura infantil

54	2022	Laura Janaina Dias Amato; Henrique Rodrigues Leroy	Portfólios educativos: brechas para a formação descolonizadora	Letras e áreas afins [Revista <i>Desenredo</i>]	Formação de professores em Língua Portuguesa
55	2022	Cristina Aparecida Pimenta dos Santos Ângelo; Luciana Gomes da Luz Silva Dyego de Oliveira Arruda	Trabalhadoras negras e o Letramento Racial Crítico na universidade: um olhar a partir da UFMG	Docência no ensino superior [Revista <i>Docência do Ensino Superior</i>]	Trabalhadoras de universidade federal
56	2022	Carla Jeany Duarte Braúna; Davison da Silva Souza; Zélia Maria Lemos Andrade Sobrinha	Letramento Racial Crítico: ações para construção de uma educação antirracista	[Revista <i>Ensino em Perspectiva - EnPe</i>]	Identidades sociais e de raça
57	2022	Ingrid Marques Cabral	As vivências de juízas e promotoras negras: representatividade e racismo	Ciências Sociais [Revista <i>Sinais</i>]	Juízas e Promotoras em Ciências Sociais
58	2022	Tatiana Lourenço de Carvalho; Jackeline Susann Souza da Silva; Claudia Regina Rodrigues Calado	Decolonialidade, educação e ensino de línguas e literaturas	Linguística e Literatura [Revista <i>Leia Escola</i>]	Ensino de Língua Portuguesa e Inglesa

59	2022	Amanda de Macedo Moura Couto; Márcia Helena de Melo Pereira; Ana Claudia Oliveira Azevedo	Perspectivas de Letramento Racial Crítico no conto “Maria” de Conceição Evaristo	Ciência, Educação e Lutas de Classes [<i>XIV Colóquio Nacional/VII Colóquio Internacional do Museu Pedagógico e o XII Seminário Nacional/II Internacional do HISTEDBR</i>]	Estudos Linguísticos
60	2022	Thiago Leandro da Silva Dias; Juan Manuel Sánchez Arteaga	História das ciências e relações étnico-raciais no ensino de evolução humana: aportes para uma educação antirracista	História da Ciência e da Tecnologia [<i>Revista Brasileira de História da Ciência - RBHC</i>]	Biologia
61	2022	Alex Egido; Bárbara Lopes Garcia de Souza Campos	Profissões em tela: uma experiência de desenvolvimento da consciência crítica em Língua Inglesa	Linguística e Literatura [<i>Revista Leia Escola</i>]	Ensino da Língua Inglesa
62	2022	Michele Salles El Kadri; Vivian Bergantini Saviolli; Cecília Gusson dos Santos	Rumo a uma educação antirracista na educação bilíngue: a proposta do “Global Kids”	Estudos da Linguagem [<i>Revista Entretextos</i>]	Ensino da Língua Inglesa
63	2022	Michele Salles El Kadri; Tháisa Cristina Zancopé	Protótipo “ <i>Teaching English to Teachers</i> ” pela perspectiva de	Educação [<i>Revista e-Curriculum</i>]	Formação de professores de Língua Inglesa

			justiça social: e educação antirracista na formação de professores de línguas		
64	2022	Luciana Maria da Silva Figueiredo	Educação linguística para as relações étnico-raciais na Educação Básica: implicações e reorientações no ensino-aprendizagem de LA/Inglês	Linguística e Estudos da linguagem [Revista <i>Working Papers in Linguística</i>]	Ensino da Língua Inglesa
65	2022	Letícia Fonseca Richthofen de Freitas; Eduardo Espíndola Braud Martins; José Sena	Despensar a colonialidade: desarticulações narrativas para ensaiar a crítica decolonial	[Linguagem, texto e imagem [Revista <i>Linguagem & Ensino</i>]	Língua Portuguesa
66	2022	Claudina Azevedo Maximiano; Denis da Silva Pereira; Francine Pereira Rebelo; Paola da Cruz Rodrigues; Rafaela Fonseca da Silva; Roberta Enir Faria Neves de Lima; Stefany Menezes do Vale;	Sernegra - Negritude e pretice na Amazônia: resistência da floresta e das águas	Humanidades [Revista <i>PRACS</i>]	Relações Étnico-Raciais

		Tereza de Jesus dos Santos;			
67	2022	Ana Karina de Oliveira Nascimento; Lucas Natan Alves dos Santos; Maria Amália Vargas Façanha; Thiago de Melo Cardoso Santos	Professores de inglês em formação inicial trilhando o caminho da decolonialidade	Linguística e Linguística Aplicada [<i>Revista (Con)Textos Linguísticos</i>]	Formação de professores de Língua Inglesa
68	2022	Clara Marinho Pereira	Raça, gênero e orçamento público: uma conversa com Clara Marinho	Ciências Humanas, Ciências Sociais e Ciências Sociais Aplicadas [<i>Revista Mundo Livre</i>]	Ministério da Economia
69	2022	Taísa Rita Ragi; Letícia Fernanda Carvalho Silva; Gasperim Ramalho de Souza	Compreendendo uma forma tecnolinguageira: uma análise linguística da construção e perpetuação de estereótipos raciais no gênero notícia <i>online</i>	Estudos literários e linguísticos [<i>Revista UNILETRAS</i>]	Estudos Linguísticos
70	2022	Leandra A. M. S. Rodrigues; Mayara	Mapeando a pesquisa em educação das relações étnico-	Educação [<i>Revista Cadernos de Pesquisa</i>]	Relações Étnico-Raciais

		Lustosa de Oliveira Barbosa; Cristiane Maria Ribeiro	raciais		
71	2022	José Lucas Campos Antunes dos Santos	Ser professor quilombola: uma experiência político-pedagógica na Educação do/no Campo em Maiquinique-Bahia	Educação [Revista <i>ABATIRÁ</i>]	Educação de Jovens e Adultos (EJA)
72	2022	Maxwell Souza dos Santos; Marcel Alvaro Amorim	O Letramento Racial Crítico em vestibulares: o caso da UNICAMP sob a ótica dialógica	Educação [<i>VII Congresso Nacional de Educação - CONEDU</i>]	Vestibulares
73	2022	Bernadete Maria da Silva	Práticas de Letramentos Literários e Racial Crítico na comunidade quilombola de Trigueiros (PE): reflexões a partir do olhar da gestão	Estudos Africanos e Afro- Brasileiros [Revista <i>Kwanissa</i>]	Gestão escolar
74	2022	Meire Celedonio da Silva; Rosilene Batista Sales	Práticas de Letramento Racial Crítico no Ensino Médio integrado em uma perspectiva da Pedagogia Dialógica	Linguística e Literatura [<i>Revista Leia Escola</i>]	Ensino da Língua Portuguesa no Ensino Médio
75	2022	Elaine Borges Sousa; Angela Figueiredo	“Branca é lesbica e preta é sapatona oh o erro?!”: um estudo sobre mulheres negras	Estudos de Gênero, Estudos Étnico-Raciais, Estudos de Sexualidade e	Ciências Sociais

			lésbicas e sapatonas em um bairro de Salvador/BA	Diversidade [Revista <i>Cadernos de Gênero e Diversidade</i>]	
76	2022	Larissa da Silva Lisboa Souza; Rodrigo Valverde Denubila	José Craveirinha e Agostinho Neto na escola brasileira: Letramento Racial Crítico e o ensino de literatura	Literatura [Revista <i>Alêre</i>]	Estudos Literários
77	2022	Mirian Alves de Souza; Mohammed El Jazouli; Sylvia Koberwa	Outro humanitarismo do Abraço Cultural: curso de línguas com abordagem antirracista	Antropologia [Revista <i>Ayé</i>]	Curso de línguas para pessoas refugiadas

Fonte: elaborado pela autora (2023).